

G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS



**PRESIDENTE
ALMIR REIS**

“Brava Gente! O Grito dos Excluídos no Bicentenário da Independência”



Carnavalescos
ALEXANDRE LOUZADA E ANDRÉ RODRIGUES

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
<i>“Brava Gente! O Grito dos Excluídos no Bicentenário da Independência”</i>					
Carnavalesco					
Alexandre Louzada e André Rodrigues					
Autor(es) do Enredo					
André Rodrigues e Mauro Cordeiro					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Alexandre Louzada, André Rodrigues, Mauro Cordeiro, Beatriz Chaves, João Vitor Silveira e Jader Moraes.					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Alexandre Louzada, André Rodrigues e Mauro Cordeiro					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	A construção da ordem e Teatro de sombras.	DE CARVALHO, José Murilo.	Editorial da UFRJ/Relume Dumará	1996	Todas
02	A formação das almas: o imaginário da República no Brasil	DE CARVALHO, José Murilo.	Companhia das Letras	1990	Todas
03	A interiorização da metrópole e outros estudos.	DIAS, Maria Odila Leite da Silva.	Alameda	2005	Todas
04	A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824	MELLO, Evaldo Cabral.	Editora 34	2014	Todas
05	A saga dos botocudos: guerra, imagens e resistência indígena	MOREL, Marco.	Hucitec	2018	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
06	A vida não é útil.	KRENAK, Ailton.	Companhia das Letras	2020	Todas
07	Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro	MATTA, Roberto da.	Rocco	1997	Todas
08	Casa-grande & senzala.	FREYRE, Gilberto.	Global	2006	Todas
09	Colonização, Quilombos: modos e significações.	SANTOS, Antônio Bispo dos.	INCTI – UnB	2015	Todas
10	Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.	LEAL, Victor Nunes.	Companhia das Letras	2012	Todas
11	Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)	MOTTA, Rodrigo Sá.	Eduff	2021	Todas
12	Encantamento (sobre política de vida).	SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz.	Mórula	2020	Todas
13	Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista	PINTO, Ana Flávia Magalhães.	Editora Unicamp	2018	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
14	Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980).	ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de.	Selo Negro	2015	Todas
15	Flecha no tempo	SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz	Mórula	2019	Todas
16	Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas	SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz.	Mórula	2018	Todas
17	História da África e do Brasil afrodescendente	SANTOS, Ynaê Lopes dos.	Pallas	2017	Todas
18	Independência do Brasil	PIMENTA, João Paulo.	Contexto	2022	Todas
19	Independência do Brasil: mulheres que estavam lá.	STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia.	Bazar do Tempo	2022	Todas
20	Índios no Brasil: história, direitos e cidadania	CUNHA, Manuela Carneiro da.	Claro Enigma	2012	Todas
21	Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de COVID-19 no Brasil.	PENSSAN, Rede.	-	2021	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
22	Maravilhosa e Soberana: Histórias da Beija-Flor	MOTTA, Aydano André	Verso Brasil	2012	Todas
23	O amanhã não está à venda.	KRENAK, Ailton.	Companhia das Letras	2020	Todas
24	O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira.	MUNDURUKU, Daniel.	Global Editora e Distribuidora.	2015	Todas
25	O dia em que o povo ganhou	SANTOS, Joel Rufino dos.	Civilização Brasileira	1979	Todas
26	O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)	SCHWARCZ, Lilia Moritz.	Companhia das Letras	1993	Todas
27	O Jogo da Dissimulação - abolição e cidadania negra no Brasil.	ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de.	Companhia das Letras	2009	Todas
28	O Movimento de Independência. O Império Brasileiro (1821-1889).	OLIVEIRA LIMA, Manuel.	Edições Melhoramentos	1958	Todas
29	O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação.	GOMES, Nilma Lino.	Vozes	2017	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
30	O Sequestro da Independência: Uma história da construção do mito do Sete de Setembro	JUNIOR, Carlos Lima; SCHWARCZ, Lilia; STUMPF, Lúcia Kluck	Companhia das Letras	2022	Todas
31	Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX.	DE AZEVEDO, Célia Maria Marinho.	Annablume	1987	Todas
32	Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros	SIMAS, Luiz Antônio.	Mórmula	2013	Todas
33	Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto	HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.)	Bazar do Tempo	2019	Todas
34	Por um feminismo afro-latino-americano.: ensaios, intervenções e diálogos.	GONZALEZ, Lélia	Zahar	2020	Todas
35	Racismo brasileiro: uma história da formação do país.	SANTOS, Ynaê Lopes dos.	Todavia	2022	Todas
36	Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.	CARNEIRO, Sueli.	Selo Negro	2011	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
37	Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835	REIS, João José.	Companhia das Letras	2012	Todas
38	Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.	MUNANGA, Kabenguele	Vozes	1999	Todas
39	Revoltas Escravas no Brasil	REIS, João José; GOMES, Flávio.	Companhia das Letras	2021	Todas
40	Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX.	DANTAS, Monica Duarte. (org.)	Alameda	2011	Todas
41	Revolução cabana e construção da identidade Amazônida	RODRIGUES, Denise Simões	Editora da Universidade do Estado do Pará	2019	Todas
42	Sobre o autoritarismo brasileiro.	SCHWARCZ, Lilia Moritz	Objectiva	2020	Todas
43	Sociologia do negro brasileiro	MOURA, Clóvis.	Perspectiva	2019	Todas
44	Um defeito de cor	GONÇALVES, Ana Maria.	Record	2020	Todas
45	Um pé na cozinha	MACHADO, Taís de Sant'Anna.	Fósforo	2022	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Teses, dissertações e artigos consultados

- ALBUQUERQUE, Wlamyra. Civismo popular, algazarra nas ruas: comemorações da independência nacional na Bahia, IdeAs [Online], 20 | 2022.
- ALONSO, Angela. O abolicionismo como movimento social. Novos Estudos, v. no 2014, n. 100, p. 115-127, 2014.
- ARAUJO, Ivan Albuquerque. “Pela ordem política e social”: discussão sobre a segurança nacional no primeiro governo Vargas (1930-1945). Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2019.
- FACINA, Adriana. Sujeitos de sorte: narrativas de esperança em produções artísticas no Brasil recente. Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 65 n. 2: e195924 | USP, 2022
- KAYAPÓ, Camilo; KAYAPÓ, Edson. Nossas ancestralidades são sagradas. Leetra Indígena, São Carlos, v. 19, n.1, 2021, p.34-37
- KRAAY, Hendrik. A invenção do Sete de Setembro, 1822-1831. ALMANACK BRAZILIENSE, v. 0, p. 52, 2010.
- QUERINO, Manuel Raimundo. O colono preto como fator da civilização brasileira (1918/1980). Afro-Ásia, n.13, p.143-158.
- REIS, João José. O jogo duro do Dois de Julho: o partido negro na Independência da Bahia. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 13, p. 47-60, 1987.
- RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Tempo, Niterói, v. 11, n. 22, p. 5-30, 2007.
- SERRA, O Triunfo dos caboclos. In: CARVALHO, MR., and CARVALHO, AM., org. Índios e caboclos: a história recontada [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 55-77.
- ISBN 978-85-2321208-7
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os involuntários da pátria. 2016.

Sites consultados

- <http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?reportagem=reportagem-o-caboclo-o-dois-de-julho-e-o-candomble>
- <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao>
- <https://bicentenario2022.com.br/>
- <https://www.geledes.org.br/os-cotistas-desagradecidos/>
- <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/>
- <https://www.vozesnegras.com/>
- <https://www.youtube.com/watch?v=kWMkB9mZm9o&t=2026s>
- <https://www.youtube.com/watch?v=tWkBBwqM2UI>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Exposições de arte

- Atos de revolta: outros imaginários sobre independência
Curadoria: Beatriz Lemos, Keyna Eleison, Pablo Lafuente e Thiago de Paula Souza
MAM Rio – Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro.
- *Nakoada: estratégias para a arte moderna*
Curadoria: Denilson Baniwa e Beatriz Lemos
MAM Rio – Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro.
- *A construção do Estado 1822-1889*
Curadoria: Aline Montenegro Magalhães, Rafael Zamorano Bezerra, Vera Lúcia Bottrel Tostes, Ângela Telles, Ruth Beatriz Caldeira de Andrada, Lia Silvia Peres Fernandes, Jorge Cordeiro e Claudio Nelson Barbosa, Luiz Carlos Antonelli e Cristiane Vianna João
Museu Histórico Nacional
- *Cidadania 1889 até a atualidade*
Curadoria: Aline Montenegro Magalhães, Rafael Zamorano Bezerra, Vera Lúcia Bottrel Tostes, Ângela Telles, Ruth Beatriz Caldeira de Andrada, Lia Silvia Peres Fernandes, Jorge Cordeiro e Claudio Nelson Barbosa, Luiz Carlos Antonelli e Cristiane Vianna João
Museu Histórico Nacional
- *Protagonismo – memória, orgulho e identidade*
Curadoria: Erika Monteiro, Phelipe Rezende e Stephanie Santana
MUHCAB – Museu da História e da Cultura Afro Brasileira

Filmes e documentários

- Emicida: AmarElo – É tudo para ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. Distribuidor: Netflix. Brasil: Sony Music sob licença exclusiva do Laboratório Fantasma, 2020.
- Guerras do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes. Brasil: EBC/TV Brasil, 2019.
- Projeto Querino. [Locução de]: Tiago Rogero. Brasil: Rádio Novelo, 2022. Podcast.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Perfil do Carnavalesco: Alexandre Louzada

Alexandre Louzada construiu uma carreira sólida tanto no carnaval do Rio de Janeiro quanto no de São Paulo. Sempre fazendo desfiles clássicos com assinatura carnavalesca muito luxuosa, detalhista e grandiosa. E assim, se tornando um dos grandes campeões da era Sambódromo. Detentor de seis títulos no grupo especial do Rio de Janeiro, o artista tem uma marca única: é quem mais tem títulos em escolas diferentes (Mangueira, Vila Isabel, Beija-flor e Mocidade Independente de Padre Miguel). Seu estilo agrada tanto os foliões mais tradicionais como traz frescor e inovação para suas criações.

A estreia foi em 1985, já na escola que mais fazia seu coração bater: a Portela, onde permaneceu no ano seguinte. Depois, passou por União da Ilha, Unidos do Cabuçu, Caprichosos de Pilares, Grande Rio e Estácio de Sá. Fez a sua estreia no carnaval de São Paulo na Camisa Verde e Branco em 1995. O seu primeiro e aguardado campeonato viria com a grandeza do seu homenageado e uma emoção que só quem pisa em solo verde e rosa sente. “Chico Buarque da Mangueira” marcou definitivamente sua vida e a história do carnaval no ano de 1998. Em 2006, falando sobre a latinidade na Vila Isabel, com “Soy loco por ti América” ganhou seu segundo título. A escola desde então, não saiu mais do rol das melhores do Rio.

Em 2007, fez uma movimentação inédita para a sua carreira e foi para a Beija Flor de Nilópolis para integrar a Comissão de Carnaval. Com o irrepreensível enredo “Áfricas”, conquistou mais um campeonato arrebatador. E logo no ano seguinte veio o bicampeonato na azul e branco de Nilópolis com “Macapaba”. Louzada permaneceu na Beija-Flor com ótimos resultados até 2011, ano em que conquistou mais um título com uma homenagem ao Rei Roberto Carlos com o enredo “Simplicidade de um Rei”. Nesse mesmo ano, ganhou também o seu primeiro campeonato no carnaval de São Paulo, com o enredo “A música venceu”, uma comovente homenagem ao maestro João Carlos Martins na escola de samba Vai-Vai.

Após uma passagem pela Mocidade, retornou à Portela. Ainda em 2015, Louzada ganhou mais um título pelo Vai-Vai, integrando uma comissão que elaborou o desfile cujo enredo foi “Simplesmente Elis”. Retornou à Mocidade Independente em 2016, mas foi em 2017, com seu enredo “As mil e uma noites numa Mocidade pra lá de Marrakech” que ele fez o Aladin voar em seu tapete mágico levando ao delírio o povo da Sapucaí e dando mais um título para Padre Miguel!

Em 2020, com o enredo “Se essa rua fosse minha”, Alexandre retomou um grande casamento bem-sucedido com a Deusa. Depois do hiato que as circunstâncias impuseram à festa, assinou o enredo “Empretecendo o pensamento”, levando a escola ao vice-campeonato. Este ano, divide o carnaval com o jovem André Rodrigues, uma parceria construída na obsessão por novas conquistas.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Perfil do Carnavalesco: André Rodrigues

Reconhecido por seu trabalho como figurinista, projetista e designer no carnaval carioca, o artista André Rodrigues fará sua estreia no Grupo Especial como carnalesco da Beija-Flor de Nilópolis. Experiente apesar de jovem, André acumula quinze anos de trabalho ininterrupto nos barracões, passando por diferentes postos e agremiações, beneficiando-se dos múltiplos saberes adquiridos a partir desta experiência prática. Autodidata, o artista considera esta vasta trajetória de imersão na cadeia produtiva do carnaval a sua formação.

Começou na Lins Imperial em 2007, passou por Grande Rio, Império Serrano, União da Ilha e Vila Isabel desenvolvendo plantas e desenhos artísticos. Em São Paulo, onde atuou também em escolas como Águia de Ouro e Mocidade Alegre, destaca a vivência no Vai-Vai, em 2012, como experiência central em sua carreira. Ainda no carnaval paulistano, entre 2018 e 2022, foi o carnalesco da Mocidade Unida da Mooca, apresentando enredos autorais de destaque como o vitorioso “A Santíssima trindade de Oyó” de 2018 e o aclamado “A Ópera negra de Abdias Nascimento”, em 2020. No último carnaval, desenvolveu o enredo “Visões Xamânicas” na Acadêmicos do Sossego, escola da Série Ouro. Suas narrativas instigantes vem ganhando destaque e despertando atenção de público e crítica, transformando-se em uma marca de sua produção.

Nesta jornada, trabalhou com diversos carnalescos como Alexandre Louzada, Severo Luzardo, Alex de Souza, Cahê Rodrigues e Edson Pereira. Contribuindo decisivamente com o trabalho destes valorosos artistas, André agregou conhecimentos importantes para sua construção artística. Apaixonado e grande conhecedor da festa, André já fazia parte da equipe de Carnaval da Beija-Flor como Diretor Artístico, agora assume o posto de carnalesco ao lado de Louzada. Trata-se de um artista jovem e talentoso, mas que carrega sólida experiência no cenário do carnaval carioca e desponta com vigor, reconhecido pelo prêmio “Plumas e Paetês” como revelação em 2022.

Perfil do Pesquisador: Mauro Cordeiro

Mauro Cordeiro é doutorando em Antropologia PPGSA/UFRJ, mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2019) e licenciado em Ciências Sociais pela UFRJ (2017). É pesquisador do Observatório de Carnaval e do RISU – Núcleo de Estudos Ritual e Sociabilidades Urbanas, ambos da UFRJ, além de professor de Sociologia na rede pública estadual da educação básica, teve uma experiência como professor substituto na UFPI, atuando no ensino superior. É um dos idealizadores do projeto Pensamento Social do Samba, onde leciona cursos livres e promove debates acerca deste amplo universo. Suas pesquisas têm ênfase nas culturas populares, sobretudo nas manifestações afrodiáspóricas. Estuda as escolas de samba do carnaval carioca a partir da antropologia política. Oriundo de uma família de sambistas, cresceu no carnaval. Desfilou em alas, se arriscou nos concursos de samba enredo e de quadra e, este ano, faz sua estreia como pesquisador ao aliar a rigorosa formação acadêmica com a sólida vivência do universo do samba.

HISTÓRICO DO ENREDO

“A ideia deste enredo não surgiu como inspiração. Ele foi provocado pela percepção da enorme quantidade de sujeira, de lixo que nos cerca e nos está sufocando. (...) É obrigação de todos nós participar deste trabalho. Cada um deve agir à sua maneira. No nosso caso nós sabemos fazer Carnaval. É nosso ofício. Que seja através dele, então, que a gente proteste. Esperamos, assim, contribuir para o despertar do gigante que somos nós mesmos.”
Joãosinho Trinta

Quem não ouviu a nossa voz no ano que passou dessa vez sentirá a força que tem a Brava Gente da BAIXADA FLUMINENSE, unida às muitas vozes dos abandonados, dos marginalizados e EXCLUÍDOS.

Em 2022, neste mesmo local, falamos sobre a necessidade do reconhecimento da intelectualidade negra, desprendendo as bases de referência do conhecimento das matrizes branco-europeias. A necessidade de uma visão afro-centrada, segundo nosso enredo, vislumbrava um mundo mais igualitário, ao combater a lógica racista. Reconhecendo saberes para além da academia, o desfile falava também sobre a intelectualidade orgânica, esta que se manifesta diariamente nos terreiros das escolas de samba. O movimento EMPRETECER nos trouxe até aqui, neste mesmo lugar, para rever a história de um marco importantíssimo na formação do Brasil, desta vez por um viés afro-indígena, e, conseqüentemente, popular.

Estamos concentrados à espera da sirene e quando for a hora entraremos sem medo. Não haverá máscara, não nos esconderemos, seremos a nossa verdade; a mesma que nos veste e dá sentido aos nossos sonhos. De mãos dadas, respirando fundo, peito aberto e o olhar voltado ao céu. A confiança no irmão e irmã que está ao lado, tomados pelo espírito mais subversivo possível ao fazer carnaval, tomados pelo espírito Beija-Flor. Entrar na avenida para fazer história ao refazer a história.

ABRAM ALAS!

O processo de construção e desenvolvimento deste enredo foi tributário das contribuições produtivas e generosas de uma série de indivíduos e organizações. Uma obra coletiva que buscou a pluralidade desde sua concepção.

Agradecemos especialmente a participação de todos os segmentos da escola que gentilmente compartilharam conosco suas impressões, concepções e demandas no processo de feitura. Intelectuais orgânicos a serviço de sua escola.

Também agradecemos as críticas, sugestões, comentários e percepções, cuja importância é inestimável, de intelectuais cuja trajetória, compromisso com as causas sociais e o trabalho servem de inspiração como AD Junior, Adriana Facina, Ana Flávia Magalhães Pinto, Ana Paula Alves Ribeiro, Anielle Franco, Aydano André Motta, Carly Machado, Casé Angatu Xukuru Tupinambá, Daniel Munduruku, Dom Filó, Edson Kayapó, Flávia Oliveira, Gilson Rodrigues, Jurema Werneck, Leonardo Bruno, Lilia Schwarcz, Lola Ferreira, Lorraine Pinheiro Mendes, Luiz Rufino, Marcelo David Macedo, Messias Basques, Milton Ribeiro, Rutian Pataxó, Sueli Carneiro, Taís de Sant’ Anna Machado, Thayssa Menezes, Wlamyra Albuquerque e Zeneida Lima.

Além dessas lideranças, agradecemos a coletivos como Ação da Cidadania, Anistia Brasil, Coalizão Negra por Direitos, Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro, Geledés - Instituto da Mulher Negra, Gerência de Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial, Instituto Cultne, Instituto Enraizados, Instituto Marielle Franco, Movimenta Caxias, Movimento dos Trabalhadores por Direitos, Uneafro Brasil e Visão Coop.

A escola se beneficiou da realização de atividades que promoveu, como aulas públicas, mesas de debates e rodas de conversa em diferentes espaços. Destacamos a participação da Beija-Flor de Nilópolis na exposição “Atos de Revolta: outros imaginários sobre independência”, realizada no MAM Rio, cuja afinidade temática propiciou o convite de uma parceria feliz e de sucesso. A escola ocupou o museu através de uma série de atividades que valorizam a qualidade da produção artística e intelectual da agremiação, pautando as reflexões propostas no enredo para muito além do desfile.

No mês de janeiro, reconhecendo a importância do debate e identificando a densidade do enredo construído, a ONG Artigo 19 e a Organizações das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) entraram em contato para se somar no processo e efetivar uma colaboração que muito nos orgulha.

Este enredo é, portanto, uma obra coletiva, produzida a partir de um amplo processo de diálogos, escutas, trocas e comunhão de ideias, concepções, compreensões, desejos e sonhos, muitos sonhos.

Com enorme satisfação e confiança pela maneira ampla, diversa, plural e associativa que este trabalho foi concebido e realizado, apresentamos, orgulhosos, “Brava Gente! O Grito dos Excluídos no bicentenário da Independência”.

SINOPSE

Está no Dicionário:

Independência – estado, condição, caráter do que ou de quem goza de autonomia, de liberdade com relação a alguém ou algo.

Não existe autonomia quando apenas uma via é apresentada: a da exclusão.

Não existe liberdade quando estamos presos a decisões de uma minoria que não nos enxerga.

Por isso questionamos: QUE INDEPENDÊNCIA É ESSA?

Ainda vivemos à sombra de um Sete de Setembro, eternizado por uma história única contada nas escolas. História que constrói um mito fundador da “liberdade” de uma nação passada de pai para filho. A cena imortaliza a imagem de força de um libertador que mal conseguia manter suas calças limpas. História eternizada em um gigantesco quadro chamado “Independência ou Morte”, que fantasiou a realidade, a retratando como um ato de bravura e heroísmo.

Oferecemos, então, uma outra via, real e que pode ser sentida até hoje no coração do Brasil. Não é o brado solitário do imperador que representa a nossa libertação. O que demarca nossa independência, aquela em que acreditamos e que aqui reivindicamos como verdadeiro marco, é o ato incendiário de Maria Felipa, o sacrifício de Joana Angélica e a coragem de Maria Quitéria, heroínas das lutas travadas ao longo de mais de um ano na capital da Bahia, com vitória retumbante dos nativos, fundamental para a emancipação brasileira. O que nos inspira é a figura do caboclo, valente, lança em punho, esmagando o dragão, bradando um grito de êxito. Foi no dia Dois de Julho de 1823, na Bahia, que a luta popular expulsou de forma definitiva as tropas lusitanas que insistiam em subjugar o país.

O Dia da Independência que reivindicamos é comemorado ao som de batuques de caboclo e cantando que até o sol é brasileiro. Precisamos festejar os marcos populares em festas carregadas de brasilidade, reconhecendo o protagonismo feminino e afro-ameríndio. Somos aqueles e aquelas que, excluídos dos espaços de poder, ousam ter esperança no amanhã.

A história prova que foi através da luta incessante que conquistamos nossos avanços. Foi no brado forte e retumbante, não de uma voz única, mas sim pelo ecoar da vontade inabalável do povo brasileiro. Brado coletivo que se espalhou pelo Brasil, principalmente no norte e nordeste, bem longe de onde a história oficial fantasia o protagonismo da independência desta nação. Longe de São Paulo, seus museus e do Vale do Paraíba.

Não à toa, hoje, na Sapucaí, nos vestimos em honra e glória às grandes lutas desta nação, homenageando a galhardia daqueles que travaram as principais batalhas na busca por uma

nação livre de verdade. Convocamos o povo, para incorporar e orgulhar-se do legado combativo de nossa gente por justiça, liberdade e igualdade. O Brasil precisa reconhecer os muitos Brasis e suas batalhas genuínas, travadas pelos verdadeiros filhos deste chão.

Este é um chamado para todos aqueles que se sentem excluídos de um país que não os reconhece como cidadãos. Um país que ignora suas existências quando normaliza seus desaparecimentos. Um país que comemora duzentos anos da marginalização da sua própria gente.

Desfilamos o pesadelo do nosso algoz: a verdade! Sabemos que nossas histórias não terminam antes do fim.

Convocamos porque hoje não pode mais haver degredo. Não carregamos culpa, carregamos sonhos. Disputamos, dia após dia, em todas as frentes, um espaço no poder desta nação. A independência é uma obra em processo e que nos move ao alvorecer do dia que virá.

Intimamos o povo para este ato que pretende revelar que o enredo que eles criaram não tem cor e não há brilho no olhar de quem marcha em suas paradas. A República é a alegoria do tétano e seus dragões da opressão. Sambaremos em cima dos seus tanques: corpos e culturas que resistem e através do tempo reexistem para afrontar o bélico que marcha tendo o medo como aliado, no intuito de manter a ordem. É uma eterna tentativa de vigiar, dominar e aprisionar os povos dos muitos Brasis em uma história única, mitológica. Louvam seus heróis em um processo de apagamento das camadas populares. Processo de exclusão social, política, econômica e da própria história.

IRMÃO E IRMÃ, os símbolos que abraçam o poder, a tirania e a opressão sequer nos acenam com um cínico sorriso, como quem finge simpatia. Vivemos até então na *República Demagógica do Brasil*, que veste fardas e sustenta o lema da sua bandeira ao desfilar na rua o “orgulho da pátria”. Ruas essas que, nas paradas de Sete de Setembro, são impedidas de receber os verdadeiros agentes civilizatórios desta nação: os brasileiros e brasileiras. Esses que estão gritando por uma nação livre que quer ser cidadã com a garantia dos direitos fundamentais: trabalho digno, moradia, alimentação, participação popular, igualdade de direitos e liberdade plena.

Uma nação verdadeiramente independente é a que sonhamos para esta BRAVA GENTE brasileira, que segue derramando seu sangue e suor em busca de dignidade e autonomia. Desfilamos POR UM NOVO NASCIMENTO DO BRASIL. A partir daí, seremos a MÁTRIA SOBERANA, com o povo no poder do Brasil que queremos ter.

Em cortejo seguiremos, unidos, por via da maior manifestação cultural do país, como um grande cordão, formado pelos que sempre foram renegados na história nacional e que, para espanto dos detentores do poder, são os grandes construtores desta nação. Desfilarão diversas expressões culturais, recriando e apresentando os seus Brasis, lembrando que enquanto se luta, se samba também. Alegria é manifestação de esperança.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A Beija-Flor de Nilópolis acredita que o bicentenário da Independência é um momento propício para uma reflexão profunda acerca do próprio caráter do país. Afinal de contas, o que é o Brasil? Compreender a fundo a nossa história é fundamental para o entendimento dos dilemas, impasses, conflitos e contradições que nos constituem. Ao mesmo tempo, é indispensável para a projeção de futuros possíveis.

O carnaval carioca, *alegria e manifestação*³, não poderia ficar de fora da ampla discussão suscitada por esta efeméride. A festa, um espetáculo artístico de inegável dimensão política e pedagógica, consolidou-se como um espaço privilegiado para a discussão e a disputa de questões caras à sociedade brasileira. Ciosa de sua tradição contestadora, a Deusa da Passarela irá, por mais uma vez, ocupar o espaço público para debater um tema de interesse nacional.

Nosso desfile, um ato cívico, será uma intervenção crítica neste debate ao reivindicar o papel ativo, decisivo e protagonista do povo brasileiro na história do Brasil. Ato contínuo, também iremos denunciar os mecanismos da exclusão – material e simbólica – promovida contra esta brava gente que segue em luta para edificar um Brasil do tamanho dos seus sonhos. Um Brasil de muitos Brasis.

A narrativa do desfile se desdobra a partir da desconstrução do Sete de Setembro como mito fundador da nação, evidenciando que esta construção promoveu o apagamento do caráter conflitivo que envolveu o movimento da independência. Um mito apaziguador. Ao invés deste mito, reivindicamos o Dois de Julho de 1823 como o marco de uma independência conquistada decisivamente através de batalhas com forte protagonismo popular. É a defesa de uma abordagem mais inclusiva, plural e diversa sobre este processo histórico e do papel categórico cumprido por brasileiros e brasileiras que dedicaram suas vidas à causa nacional.

Em sequência, demonstramos que, concluída a emancipação política, o Estado nacional foi erguido através da manutenção do *status quo*, motivo pelo qual a brava gente brasileira, verdadeiros heróis e heroínas, seguiu mobilizada e organizou levantes, revoltas e motins em prol de direitos e, sobretudo, pela liberdade. São imaginações políticas que sustentaram atos de revolta.

Os mecanismos de exclusão e controle operados no período republicano são expostos no setor seguinte para promoção do entendimento do caráter autoritário e desigual que fundamenta esta nação. A parada militar do Sete de Setembro é um rito eficaz ao celebrar o mito fundador de uma nação forjada na violência para manutenção da ordem.

Logo após esta denúncia, o desfile faz o reconhecimento do papel civilizatório e exemplar dos movimentos sociais em diferentes lutas por autonomia, dignidade e justiça, tarefas inadiáveis para que sejamos, de fato, uma nação independente.

³ Verso do samba enredo da Beija-Flor no carnaval de 1989, o lendário “Ratos e urubus larguem a minha fantasia”, de autoria dos compositores Betinho, Glyvaldo, Zé Maria e Osmar.

Por fim, compreendemos as criações e reconstruções artísticas dos cortejos, ritos, procissões, atos e manifestações da cultura popular como formas de esperar, ou seja, alimentar a utopia real, a crença concreta e coletiva de converter sonhos em realidades. A cultura popular brasileira emerge como um grande manancial de aspirações e fabulações de futuros possíveis. É a expressão da pluralidade e diversidade que entendemos como potência de um país que somente será independente quando valorizar a riqueza da diferença.

Naquele Dois de Julho, o Sol do Triunfar

A história nacional é uma narrativa única, uma produção política tecida pelos detentores do poder para forjar um sentido do que somos enquanto nação através da invenção e da seleção de símbolos pátrios. A fabricação do Sete de Setembro de 1822 como o grande mito fundador do Estado brasileiro é central neste processo. Por meio de símbolos e de obras de arte, como o quadro “*Independência ou Morte*” do pintor Pedro Américo, o grito do Ipiranga transformou-se no ato histórico decisivo da emancipação política do Brasil. O brado heroico do príncipe regente teria sido o gesto definitivo da libertação.

O mito do Sete de Setembro, criado retrospectivamente, originou a ideia da independência como um movimento negociado e pacífico, um “desquite amigável”, como definiu o diplomata e historiador Manuel de Oliveira Lima. Enquanto elevou Dom Pedro I ao posto de herói libertador, este mito provocou o apagamento da história das guerras de independência, uma série de conflitos bélicos que ocorreram no decurso do processo emancipatório. Para além das margens plácidas do riacho, houve morte para consolidação da independência.

A invenção do grito do Ipiranga como gesto inaugural da nação é um mecanismo de exclusão e silenciamento do papel popular na consecução da autonomia política. O historiador João Paulo Pimenta assinala que as guerras de independência foram determinantes para construir a unidade política e territorial do Império do Brasil. Batalhas emblemáticas foram cruciais para que a causa brasileira triunfasse, atestando a relevância destes eventos para a compreensão do processo de independência.

Pela sua duração, envergadura e desdobramento, a guerra que se instalou na província da Bahia foi certamente a mais marcante dentre estas. Durante um ano e quatro meses, tendo, portanto, início anterior e desfecho posterior ao Sete de Setembro, o destino nacional teve este território como palco privilegiado. O confronto - na província onde os invasores portugueses aportaram em 1500 - foi central no processo de ruptura que garantiu a soberania.

Até que em Dois de julho de 1823 *até o sol foi brasileiro*⁴. **O dia em que o povo ganhou**, como de maneira feliz e inspirada cunhou o historiador Joel Rufino dos Santos. Esta data marca a vitória brasileira com a expulsão dos portugueses e, desde então, é lembrada através de uma grande festa popular que tem cheiro, cor e sabor de brasilidade. Uma comemoração cívica que reproduz o trajeto da entrada triunfal das tropas patrióticas em Salvador.

⁴ Verso do Hino do Dois de Julho, Hino oficial do estado da Bahia. Composição de Ladislau dos Santos Titara e José dos Santos Barreto.

Esta algazarra nas ruas, encontra nas figuras do caboclo e da cabocla símbolos do triunfo, funcionando tanto como uma referência ao papel de indígenas na guerra, quanto como uma reverência à ancestralidade dos donos da terra. A frente de batalha contava com a presença de vários grupos negro-mestiços, um partido negro em luta pela liberdade. O papel de destaque de muitas mulheres, como Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Filipa, verdadeiras heroínas da pátria, acentua o protagonismo feminino que se contrapõe a uma escrita da história centrada no paradigma da masculinidade.

O bicentenário daquele Dois de Julho de 1823 é a data que celebramos como marco da emancipação política. Como afirma a historiadora Wlamyra Albuquerque, a independência foi garantida nos campos de batalhas e não apenas nos palácios. Por isso, reivindicamos o caráter nacional desta data e louvamos, de forma festiva, os heróis e heroínas que o realizaram. Desta forma, defendemos uma representação mais inclusiva sobre este processo histórico ao trazer para o centro da cena a presença de personagens historicamente invisibilizados.

Atos de revolta: a heroica desobediência civil

Ainda que a participação popular tenha sido crucial para obtenção da soberania em relação a antiga metrópole, as elites oligárquicas ergueram um Estado cujo objetivo era garantir a permanência do caráter violento, desigual e excludente, em uma lógica que se estabeleceu na colonização e se estende até hoje. As diferentes elites regionais possuíam divergências e eram muitas as tensões sociais existentes naquele período. Porém, o medo de uma insurreição de negros e mestiços, como houvera no Haiti, e o desejo de manutenção da estrutura social, serviram para efetivar uma unidade em torno de três pilares fundamentais: a escravidão, o latifúndio e a monarquia.

Por sua vez, nosso povo permaneceu em luta. Formou redes de proteção comunitária e fortalecimento coletivo, além de ter organizado um conjunto de movimentos de reivindicação e contestação. Se a ordem é injusta, a desobediência civil é a resposta. Foram incondições, levantes, motins, revoltas e insurreições que atestam distintas imaginações políticas e projetos de país.

Compreender a imaginação política destes heróis e heroínas de tantas lutas inglórias é reivindicar o seu legado nos desafios do presente. Mais do que inspiração e exemplo, são ancestrais que se encantaram sonhando e lutando por um país melhor. Retratamos a galhardia, a bravura e o destemor de personagens populares que se mobilizaram no empenho de alcançar melhores condições de vida e pelo direito de ter direitos.

Síntese do espírito contestatório e mobilizador deste período histórico, o movimento abolicionista é um exemplo vitorioso de organização política que exerceu forte pressão sobre as instituições imperiais até conseguir a façanha de realizar sua pauta. Compreendido aqui como primeiro grande movimento social brasileiro, o movimento abolicionista envolveu e mobilizou amplos setores da sociedade civil através de um repertório de práticas e formas de ação tão diversificadas quanto eficazes⁵.

⁵ Conferências, manifestações, concertos, assembleias, prêmios, ações de propaganda, declarações públicas, discursos, jornais, panfletos, obras de arte, arrecadação de fundos, compra de liberdades individuais, libertações coletivas de escravizados, incitação e auxílio a fugas, obstrução do embarque de escravizados em portos e estações, enfrentamento e etc.

Manutenção da Ordem e o Progresso da Exclusão

A proclamação da República, no crepúsculo do século, também teve caráter extremamente conservador. Este período histórico marcou a conclusão do longo processo de construção nacional. Se o Império ofereceu o mito fundador, a República forneceu a bandeira e o lema: *ordem e progresso*.

Provando que no Brasil as ideias estão sempre fora de lugar, nossa República já nasceu velha. Da espada, oligárquica, dos coronéis e barões, do café com leite e dos ideais eugenistas. Restringindo a participação na vida cívica a pouquíssimos, discriminando por raça, credo, gênero e orientação sexual. O povo brasileiro seguiu ausente dos espaços decisórios. Brutalmente violento, o Brasil é descrito por seus *intérpretes/inventores* como um país pacífico e harmônico, destinado à glória no porvir enquanto, no presente, seus filhos e filhas morrem de fome. Excluídos, à margem. O tal “país do futuro” foi eficaz em elaborar uma imagem de si que mascara sua verdadeira face.

A elite agrária firmou um estado de compromisso com os militares, uma aliança que lhes permitiu manter seu poder e dominação em troca de votos em um país onde, até hoje, não houve uma reforma agrária. Após a abolição, não houve qualquer política de integração ou reparação e o racismo se perpetuou através de um aparato jurídico cujo objetivo era o controle dos corpos negros e a discriminação de suas crenças.

Os negros e negras se transformaram em assunto de polícia e não de política. Entregues à própria sorte, foram preteridos do trabalho assalariado enquanto assistiam um amplo incentivo à vinda de imigrantes brancos, subsidiados em um país cuja intenção era eliminar a presença negra.

A democracia, entre nós, sempre foi um terrível mal-entendido. É curioso constatar que foi pretensamente com a intenção de defendê-la que corriqueiramente a golpearam. O fantasma do comunismo, o *perigo vermelho*, recorrentemente foi mobilizado como justificativa para o recrudescimento do controle social.

O Sete de Setembro é transformado em “Dia da Pátria” e ritualizado no espaço público, todos os anos, através de desfiles bélicos. O rito histórico que exalta a independência nacional é uma parada militar, um desfile de armas, onde o povo é um mero espectador. Esta ritualização do nascimento da nação é um mecanismo que evidencia o caráter hierárquico e violento de um país que nega a cidadania aos seus habitantes e silencia acerca do seu papel na história.

Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, no livro “Encantamento: sobre política de vida”, alcançam a instigante conclusão: o Brasil deu certo. O projeto de nação que o Império e depois a República idealizaram foi exitoso no seu intento primordial: a manutenção da ordem através da força. Desigualdade e violência, este é o Brasil projetado pelas nossas elites e que provoca a nossa exclusão – social, simbólica e física. Este é o Brasil.

Brava gente por um novo nascimento

Enquanto o Estado, através de dispositivos como a tutela, o controle e a violência, negou direitos e não garantiu a cidadania plena aos seus habitantes, o povo se organizou em coletivos para exigir e implementar melhores condições de vida e a restauração da democracia.

Através do enfrentamento e da denúncia, do debate público e da ação institucional, os movimentos sociais ocupam as ruas afirmando sua existência e disputando o hoje sem jamais se submeter.

Nós, dos sertões, das roças, florestas, quebradas, favelas, subúrbios, aldeias, quilombos, terreiros, do campo e da cidade, estamos à margem, excluídos deste projeto de país que venceu. Mas nós estamos vivos, resistindo e produzindo, sonhando e avançando, e nós jamais iremos nos curvar. Esta é nossa história e nossa forma de ser: viver é lutar!

Em conversa preliminar sobre este enredo, a filósofa e ativista Sueli Carneiro nos ensinou: “os movimentos sociais são os verdadeiros agentes civilizatórios deste país”. Esta frase objetiva, direta e carregada de sentido histórico, sintetiza a nossa compreensão sobre a função social e política da sociedade civil organizada na história do Brasil.

As pautas fundamentais para uma nação soberana, independente e justa são muitas e passam, inescapavelmente, pela garantia de conquistas cívicas do povo. Lutamos pela terra, igualdade plena, trabalho digno, saúde, educação, alimentação, liberdade de ser e participação popular. Enaltecemos os diferentes movimentos que através da ação coletiva colocam estas pautas na ordem do dia.

É através da força das nossas mobilizações, dos nossos movimentos e da nossa coletividade que não apenas disputamos os rumos deste país, mas solidificamos as bases para sua reconstrução. É a Beija-Flor clamando por um novo nascimento.

Pela Nossa Independência, Por Cultura Popular

No encerramento do cortejo, mergulhamos na cultura brasileira para demonstrar a potência de sentidos que ela exprime, sementes de um amanhã que há de chegar. A brava gente brasileira não apenas sobrevive, ela, permanentemente em luta, também ousa ter esperança no amanhã. Esta é uma necessidade material, é preciso ter utopias, projetar no futuro a realização do que hoje é um sonho. É preciso constituir um Brasil outro, um Brasil dos muitos Brasis que existem. Um país que respeite, promova e valorize a sua diversidade como um fundamento nacional.

Esta utopia de um país diverso e plural encontra justamente na arte e na cultura seus principais veículos de promoção. São expressões daquilo que a antropóloga Adriana Facina classifica como narrativas de esperança. “*A esperança, portanto, remete a um futuro em aberto, indeterminado e sempre por fazer, que tem a semente como metáfora de uma potencialidade*”. Nas palavras do grande educador brasileiro Paulo Freire, “*esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...*”. Esperançar é o verbo que nos move.

Idealizamos, através de outros ritos, perspectivas e projeções desses muitos outros Brasis que nos inspiram. Pensamos e repensamos os símbolos, personagens, temas e narrativas nacionais e oferecemos aqui outras representações, ideias e conceitos. Pautados pela valorização da contribuição popular, desfilamos as muitas possibilidades de futuro ao romper com a lógica excludente e hierárquica que caracteriza a história brasileira. Por meio de nossas manifestações artísticas, festivas e religiosas, cultuamos e preservamos nossa ancestralidade e os saberes tradicionais resistindo a toda fúria de domesticação dos corpos e aniquilação da diversidade de práticas, costumes e experiências. Ao mesmo tempo, alimentamos anseios, desejos e sonhos que almejamos realizar no porvir.

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA

Comissão de Frente
**ONDE O POVO FEZ HISTÓRIA E A
ESCOLA NÃO CONTOU**

1º SETOR: NAQUELE DOIS DE JULHO, O SOL DO TRIUNFAR

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Claudinho e Selminha Sorriso
ENCANTAMENTO CABOCLO**

Destaques de Chão
(Personagens)
Urânia Vanério (Criança), Joana Angélica,
Tambor Soledade, Corneteiro Lopes e Maria
Quitéria

Tripé 01
Pede Passagem
BEIJA-FLOR APRESENTA

**Alegoria 01 – Abre-Alas
DESCONSTRUINDO A FANTASIA HISTÓRICA**

Ala 01 – Comunidade
EXÉRCITO LIBERTADOR

**Alegoria 02
O DIA EM QUE O POVO GANHOU –
ALEGORIA AO DOIS DE JULHO**

2º SETOR: ATOS DE REVOLTA: A HERÓICA DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Ala 02 – Amigos do Rei
GLÓRIA A REPÚBLICA DO NORDESTE

Ala 03 – Comunidade
ODE AOS BOTOCUDOS

Ala 04 – Comunidade
SONHO DE LIBERDADE MALÊ

Ala 05 – Comunidade
ORGULHO CABANO E
A IDENTIDADE AMAZÔNIDA

Ala 06 – Comunidade
UM GRITO DE LIBERDADE
QUILOMBOLA

Destaque da Ala das Baianas
Tia Lúcia
MÃOS QUE TRAMAM A RESISTÊNCIA

Ala 07 – Baiana
DO BALAIO VEM A REVOLUÇÃO

Ala 08 – Comunidade
O ZUMBIDO DA RESISTÊNCIA

Destaque de Chão
Charlene
A COR DA LUTA

Alegoria 03
PELA VIDA E LIBERDADE DO IRMÃO

3º SETOR: MANUTENÇÃO DA ORDEM E O PROGRESSO DA EXCLUSÃO

Ala 09 – Ala Vamos Nessa / Karisma / 1001
Noites
REPÚBLICA DA ESPADA E DO
COTURNO

Ala 10 – Comunidade
CORONELISMO E
O VOTO DE CABRESTO

Destaques de Chão
Aieny Mendes
MAGIA DO CORPO NEGRO

Flávia Custódio
MAGIA DO CORPO NEGRO

Ala 11 – Passistas
MAGIA NEGRA

Rainha de Bateria
Lorena Raissa
A LIBERDADE POR NEGRAS EXPRESSÕES

Destaque da Bateria
Neide Tamborim
MELODIAS ENVOLVENTES

Ala 12 – Bateria
VADIOS E CAPOEIRAS

Ala 13 – Comunidade
COTA PARA BRANCO

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
David Sabiá e Fernanda Love
PESADELO VERMELHO

Ala 14 – Comunidade
“AMEAÇA VERMELHA” – O
FANTASMA DO COMUNISMO

Destaque de Chão
Thiago Avanci
O DOUTRINADOR

Ala 15 – Comunidade
DOUTRINA DA SEGURANÇA
NACIONAL

Destaque de Chão
Carla Cachoeira
SÍMBOLOS DE PODER

Alegoria 04
CHUMBO DA AUTOCRACIA

4º SETOR: BRAVA GENTE POR UM NOVO NASCIMENTO

Ala 16 – Ala Signos / Ala das Borboletas /
Ala Cabulosos
LUTA PELA TERRA

Ala 17 – Comunidade
ENQUANTO HOUVER RACISMO NÃO
HAVERÁ DEMOCRACIA

Ala 18 – Comunidade
SE A CLASSE OPERÁRIA TUDO
PRODUZ, A ELA TUDO PERTENCE

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Muskito e Emanuelle Martins
SAÚDE É DIREITO DE TODOS E DEVER
DO ESTADO

4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Hugo Almeida e Naninha Fidélis
SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO
TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA
TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA

Ala 19 – Comunidade
A PRESSA DA FOME

Ala 20 – Comunidade
NEM MENOS NEM MAIS, DIREITOS
IGUAIS!

Ala 21 – Comunidade
A REVOLUÇÃO SERÁ FEMINISTA

Alegoria 05
POR UM NOVO NASCIMENTO

5º SETOR: PELA NOSSA INDEPENDÊNCIA, POR CULTURA POPULAR

Ala 22 – Comunidade
O CORDÃO DOS EXCLUÍDOS E
OUTROS BRASIS

Personagens dos ritos da cultura popular

Tripé 02
O AMANHÃ NÃO ESTÁ À VENDA

Ala 22 – Comunidade
O CORDÃO DOS EXCLUÍDOS E
OUTROS BRASIS

Personagens dos ritos da cultural popular

Alegoria 06
FUTURO ANCESTRAL

Ala 22 – Comunidade
O CORDÃO DOS EXCLUÍDOS E
OUTROS BRASIS

Personagens dos ritos da cultural popular

Tripé 03
SUBVERSIVO BEIJA-FLOR
DAS MULTIDÕES

Ala 23 – Compositores
POETAS DAS MULTIDÕES

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">TRIPÉ 01 PEDE PASSAGEM</p> <p style="text-align: center;">BEIJA-FLOR APRESENTA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A Beija-Flor de Nilópolis pede passagem para seu ato cívico. A brava gente da Baixada Fluminense se apresenta para disputar a história e os sentidos da Independência do Brasil. A Revolução começa agora, em um desfile popular de cultura e arte, alegria e manifestação. Sob as bênçãos da grande Pajé, que tantas vezes nos inspirou em apresentações memoráveis, e guiados pelos caboclos encantados iniciamos o nosso cortejo. Abram alas ao Cordão dos Excluídos: chegou a Beija-Flor de Nilópolis!</p> <p>Personagem: Pajé Zeneida Lima</p> <p>* A Pajé Zeneida é uma importante personagem na luta indígena brasileira. Uma das poucas mulheres pajé, além de ícone cultural e do seu forte simbolismo místico que tem origem na sua história como líder religiosa, Zeneida lembra também o combate a intolerância e ao sexismo. Foi duramente perseguida em episódios assustadores como o cerco que sofreu em sua casa, ameaçada com tochas, facões e armas de fogo, violência pautada na não compreensão de sua espiritualidade que se manifestava em um corpo de mulher.</p> <p>Zeneida é também um símbolo importante para a Beija-Flor de Nilópolis, foi ela a responsável pelos principais enredos que trouxeram a agremiação de volta ao protagonismo da disputa em 1998 (com um título que contava uma das histórias da Pajé) entre outros grandes desfiles como 2001 com a história de Agotime.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>DESCONSTRUINDO A FANTASIA HISTÓRICA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A memória nacional foi fabricada através da seleção - estrategicamente orientada - de um conjunto de datas, símbolos e personagens, para formar uma ideia do que é o Brasil. Assentada nos interesses e valores de uma elite predatória, promoveu apagamentos e silenciamentos para manutenção e justificação do poder estabelecido. Neste processo, o dia sete de setembro de 1822 foi forjado como o grande marco da nossa independência. O mito de origem da nação brasileira. Esta produção simbólica encontrou no quadro “Independência ou morte!”, do pintor Pedro Américo, sua melhor e mais eficaz forma de expressão. A tela, pintada sob encomenda e entregue em 1888, criou uma imagem síntese sobre o mito, uma “lenda dourada da independência”, a qual subvertemos na desconstrução desta fantasia.</p> <p>Esta obra de arte consagrou uma ideia de passado, gestando sentidos específicos e encobrendo outras narrativas possíveis sobre o desenvolvimento histórico. A verdade é que a emancipação política do Brasil em relação a Portugal foi fruto de um processo conflitivo e contraditório que teve a participação decisiva e heroica de milhares de brasileiros e brasileiras; não um ato isolado de um príncipe português como nos faz acreditar tal mito de origem. A independência foi conquistada também nos campos de batalha, não apenas nos salões. Houve guerra e muito sangue brasileiro foi derramado para o triunfo da causa nacional. Ao silenciar esta memória, negou-se ao povo brasileiro seu papel de verdadeiro protagonista da nossa história. No ato da Beija-Flor o povo reivindica e conquista o lugar que lhe é de direito mostrando que, organizados, nós, o povo, restabelecemos a verdade histórica.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>DESCONSTRUINDO A FANTASIA HISTÓRICA (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>O carro Abre-Alas da Beija-Flor é uma provocação artística. A alegoria traz a história oficial, aquela fantasia que foi disseminada através do tempo como real, e a desconstrói. De forma nítida, e proposital, esta farsa é menor que a história que ela encobre. O marco popular que mais representa a luta do povo brasileiro e nos serve como inspiração está na alegoria seguinte, esta, por sua vez, muito maior, como poderão testemunhar.</p> <p>Personagens:</p> <p>Grupo 1: Dom Pedro / Nobres / Militares Grupo 2: O Povo (Negros (as), indígenas, homens e mulheres livres, Ciganos)</p>
02	<p>O DIA EM QUE O POVO GANHOU – ALEGORIA AO DOIS DE JULHO</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Em vez de celebrar o mito oficial, argumentamos em favor de um novo marco, capaz de oferecer um sentido que consideramos mais próximo da verdade histórica de uma independência que foi conquistada; não proclamada. Este marco é o Dois de julho de 1823, data da vitória das tropas brasileiras na guerra pela independência instalada na Bahia com a expulsão dos portugueses e, desde então, ocorre uma comemoração cívica através de uma grande festa popular que tem cheiro, cor e sabor de brasilidade.</p> <p>A guerra que libertou a Bahia e separou em definitivo o Brasil de Portugal foi protagonizada por indígenas, negros - livres e escravizados - e mulheres. Festejamos o Dois de Julho em uma grande alegoria carnavalesca, onde saudamos e homenageamos os principais pilares da revolução.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>O DIA EM QUE O POVO GANHOU – ALEGORIA AO DOIS DE JULHO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>No primeiro módulo da alegoria, reverenciamos os indígenas como ancestrais primordiais e legítimos do povo brasileiro. Além da participação ativa de diferentes etnias no confronto, saudamos a resistência histórica das nações indígenas desde a invasão colonial. Por serem os povos originários, representam o povo brasileiro na imagem que anuncia a vitória da data pelas ruas de Salvador. Todos os anos, dois andores, um da cabocla e outro do caboclo, que mata o dragão com sua lança, simbolizam a vitória dos populares sobre a tirania portuguesa.</p> <p>Celebramos no segundo módulo a bravura e a galhardia do partido negro da independência, pessoas de cor que asseguraram o triunfo nacional nas frentes de batalha pela emancipação. Movidos pelo ideal da liberdade, a comunidade negra ocupou a linha de frente do conflito, dispondo de suas vidas pela independência.</p> <p>Um beija-flor dourado simboliza o sol, poeticamente citado no Hino desta data tão festejada na Bahia. Os versos dizem: “Nasce o sol a 2 de julho / Brilha mais que no primeiro / É sinal que neste dia / Até o sol, até o sol é brasileiro”. Brilhar mais que o primeiro é a provocação que fazemos em nossa segunda alegoria. Um novo sol raiou, uma nova liberdade, uma nova história, mais cintilante, imponente e representativa que a primeira. Representamos também a pira -a centro da alegoria- que existe até hoje no festejo e que tem importância principalmente fora de Salvador. A cerimônia do fogo simbólico começa em Cachoeira, porque a cidade foi o quartel das tropas que lutaram pela Independência na Bahia em 1823. Um ano antes, em 25 de junho de 1822, os cachoeiranos já se rebelaram contra Portugal. A corrida com o fogo simbólico faz o trajeto dos batalhões que partiram das vilas do Recôncavo a Salvador, para enfrentar as tropas portuguesas, e lá acende uma pira que arde até o último dia da celebração. Como já é de tradição, a tocha passa pelas cidades que também fizeram parte dessa luta como: Candeias, Simões Filho, Saubara, Santo Amaro e Salvador.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>O DIA EM QUE O POVO GANHOU – ALEGORIA AO DOIS DE JULHO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Louvamos as mulheres que através de diferentes táticas e estratégias protagonizaram esta árdua batalha e cumpriram papel decisivo para a conquista no último módulo desta alegoria. Destacamos as mulheres marisqueiras de Itaparica, que lideradas pela heroína Maria Filipa de Oliveira, aplicaram uma surra nos inimigos utilizando folhas de cansaço e incendiaram embarcações lusitanas em defesa do seu território. Em Saubara, no recôncavo, mulheres saíam às ruas à noite, cobertas por lençóis brancos, para abastecer de alimentos e armamentos seus maridos e filhos que estavam nas trincheiras. A vestimenta era uma estratégia, pois, caso topassem com o inimigo, as mulheres simulavam ser ‘almas penadas’, amedrontando os invasores. Estas eram as “Caretas do Mingau” que se apresentam na parte da alegoria dedicada à participação feminina.</p> <p>Destques – Parte 01: Giovana Lancelotti – Centelha da Revolução (Atriz) Zezito Ávila – Exaltação Indígena (Estilista) Semidestaques – Celebração aos Povos Originários Composições – Caboclos e Caboclas Encantados</p> <p>Destques – Parte 02: Edson Asis – Chama da Vitória (Empresário) Semidestaques – Exaltação Afro-brasileira Composição – Bravura Afro-ameríndia</p> <p>Destques – Parte 03: Linniker – Maria Filipa (Cantora e Atriz) Semidestaques – Exaltação às Mulheres Composição - Bravura Afro-ameríndia Composição Cênica - Caretas do Mingau</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>PELA VIDA E LIBERDADE DO IRMÃO</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A manutenção da escravidão após a independência foi uma escolha política. Uma escolha e também uma aposta, ao projetar no futuro a permanência de um sistema cujos valores eram amplamente difundidos por toda sociedade brasileira. A escravidão foi uma sólida instituição nacional, atributo central e definidor do caráter brasileiro.</p> <p>Porém, na segunda metade do século XIX, o cenário se transformou tanto pelas constantes ações de fugas e revoltas que ocorriam por todo território desafiando o regime, quanto pelo eco de ideias abolicionistas que sopravam da Europa e da América do Norte. A verdade é que a abolição se transformou no debate central da política brasileira. A ‘questão servil’ mobilizava sujeitos de diferentes grupos sociais e dividia a sociedade entre aqueles que defendiam a permanência da estrutura escravocrata, e os abolicionistas, que exigiam a superação desta instituição desumana.</p> <p>Paulatinamente, através de um conjunto de leis, em uma marcha lenta e gradual, negros e negras alcançaram a liberdade. Com destaque para a Lei do Ventre Livre e a Lei do Sexagenário, a população de pessoas de cor em liberdade cresceu significativamente. Segundo dados do Censo demográfico de 1872, havia no país aproximadamente 5,8 milhões de descendentes de africanos, dentre estes, cerca de 4,2 milhões eram livres ou libertos, enquanto perto de 1,5 milhão permaneciam na escravidão.</p> <p>Estes números são o resultado da ação de um grande quantidade de coletivos, associações e organizações abolicionistas que contribuíram neste longo movimento até a assinatura da Lei Áurea em 1888. Uma campanha de dimensão nacional e forte participação popular. Findando de uma vez esta instituição central na construção do Brasil, a Lei assinada naquele 13 de maio consagra um movimento social e político emancipatório cujo poder de mobilização e caráter civilizatório são incontestáveis. Ainda que reconheçamos aqui a importância do engajamento de indivíduos de diferentes grupos sociais na causa, o protagonismo desta vitória é da negritude brasileira.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>PELA VIDA E LIBERDADE DO IRMÃO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Ademais, o movimento abolicionista se beneficiou do acúmulo de forças, da consciência crítica e política de toda série de revoltas, levantes, motins e conflitos que o antecederam. Os malês, balaios, cabanos, quilombolas e tantos outros revoltosos ajudaram a edificar este processo.</p> <p>Em nossa alegoria, valorizamos o protagonismo de homens e mulheres negras neste processo através da premissa que a liberdade não foi uma concessão, mas uma conquista. A experiência negra no Brasil é pautada pela organização, resistência e produção de alternativas. Ao longo dos séculos onde vigorou o horror da escravidão, houve atuação, mobilização e crença até tornar real o sonho da liberdade.</p> <p>Por pensar o processo da libertação como um processo coletivo conquistado por esses sujeitos e sujeitas, a alegoria traz esculturas que se ligam, poeticamente, formando um cordão de apoio. A força coletiva é a grande mensagem, a mesma força que impulsiona também defende os seus iguais. Ao formar este cordão, as esculturas também protegem a Liberdade, representada aqui por uma mulher grávida alada. É esta criança, fruto da Liberdade, o cidadão ou cidadã de um novo Brasil. Os tambores tocam em ritmo de guerra e também de festejo.</p> <p>Destaques: Destaque Frontal - Rose Reis – Senhora Liberdade (Empresária) Destaque Central - Raphaela Reis – A Esperança (Publicitária) Semidestaques (Em volta do Grande Tambor) - A Força Feminina na Luta da Abolição Composição – Asas da Liberdade</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	CHUMBO DA AUTOCRACIA  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Se a República é uma forma de governo onde a soberania reside na vontade popular, podemos afirmar que a nossa experiência jamais se guiou por esse objetivo. Uma República que nunca foi republicana. A vivência plena da cidadania, pressuposto para o sucesso deste regime, encontrou no próprio Estado - que a deveria promover - um obstáculo, um inimigo. Em vez de garantir e fazer cumprir direitos, nossa experiência republicana impôs aos brasileiros e brasileiras um país violento que exerce o controle através do cárcere, da bala e do canhão.</p> <p>O exercício do poder no Brasil nunca teve a promoção do interesse público como um propósito. Na realidade, o poder se estabeleceu sobre e contra o povo brasileiro para manutenção de uma estrutura social desigual e hierárquica. Vivemos em um Estado patrimonialista desde sua origem, ou seja, onde os bens públicos são historicamente apropriados por interesses privados.</p> <p>A ditadura civil-militar (1964-1985) é a face mais genuína deste estado de coisas. Suprimindo direitos e garantias individuais, reprimindo as dissidências e exercendo um brutal monitoramento dos cidadãos, configurou-se como um período de terrorismo de Estado. Trata-se de um exemplo de autocracia, um exercício de poder absoluto, sem limitações, realizado pelos militares para conservação da ordem social. Mecanismos como a tutela, a vigilância e a censura são exemplos da sua forma de ação.</p> <p>Um regime de restrição da autonomia e de privação da liberdade. Eis o chumbo da autocracia desfilando nas ruas de Setembro a sua demagogia, um espetáculo bélico e mórbido. Os militares marcham e apresentam suas armas, vangloriando a si mesmos como heróis, enquanto o povo brasileiro assiste, lembrando que sempre esteve na mira destes canhões.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>CHUMBO DA AUTOCRACIA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A alegoria apresenta duas grandes torres de vigilância, representando o controle da cidadania. Três dragões militarizados são os pilares do cerceamento dos direitos que impedem o exercício da autonomia e da liberdade civil. O carro faz uma provocação ao brasão republicano, entre outros símbolos de poder. Os canhões, usados como atributos da opressão armada, também adornam este imenso tanque que cruza nosso ato cívico popular. É o povo retratando seus algozes, construindo representações de medo e verdade.</p> <p>Destaques:</p> <p>Destaque Frontal – Cássio Dias – Cultura que Resiste a Opressão (1º Bailarino)</p> <p>Destaque Central Médio – Tingo Palma – Vigilante do Poder (Promotor de Eventos)</p> <p>Destaque Central Alto – Fernando Odnã Carvalho – General Autocrata</p> <p>Semidestaques frontais Panópticos – Bruna Gonçalves e Nathalia Deodato – Comando de Direito (Dançarina e Atriz)</p> <p>Semidestaques Altos – Andrea Gonçalves e Lorraine Gonçalves – Militarizando o Rito</p> <p>Composição 1 – Soldados Mandados</p> <p>Composição 2 – Vigias</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p style="text-align: center;">POR UM NOVO NASCIMENTO</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Símbolos pátrios são instrumentos de legitimidade e identidade que operam para forjar um sentimento de unidade e pertencimento. A bandeira nacional figura, ao lado do hino, como as principais expressões simbólicas de uma nação. Por sua importância na produção de sentido, a escolha e a definição deste símbolo envolvem batalhas árduas em torno dos muitos interesses que, constantemente, estão em jogo e em disputa.</p> <p>A bandeira brasileira foi elaborada a partir da preservação de elementos tradicionais que remetem a bandeira do Império e com a forte influência da facção positivista no seio do movimento republicano. Pensada como um emblema de conciliação e continuidade, o brasão transformou-se em uma imagem-síntese deste país erguido para manter a ordem, onde o progresso é mera ilusão.</p> <p>O povo brasileiro demanda um novo nascimento. Para muito além de uma nação pautada na desigualdade e na violência, na exclusão e no silenciamento, urge erguer um Brasil que tenha a diversidade como fundamento. Um país que supere as querelas da lógica patriarcal, racista e misógina.</p> <p>Uma mátria Brasilis, de fato soberana, ao garantir aos seus cidadãos a promoção dos direitos humanos. Uma verdadeira bandeira nacional precisa ser plural, feita da contribuição dos diversos e distintos grupos étnicos e sociais que habitam este imenso território. Um emblema constituído de retalhos, como um grande mosaico. Bordada à mão, pela resistência produtiva de quem constrói a vida alimentando sonhos de outros futuros possíveis.</p> <p>Fazendo um contraponto a tela “A Pátria”, do pintor Pedro Bruno, nossa alegoria propõe uma bandeira, não com o intuito de substituir a que existe, mas com a provocação de dizer-lhes o que ela deve simbolicamente. A tela de 1919 idealiza uma pátria, pouco representativa da diversidade étnica, cultural ou social dos seus cidadãos.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>POR UM NOVO NASCIMENTO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A tela apresenta quatro mulheres brancas costurando a bandeira nacional. Contudo, essas mulheres laboriosas em missão cívica e, naturalmente, não remunerada, estão limitadas ao espaço privado. Filhas da elite, cumprem os papéis sociais desde sempre reservados às mulheres nesta sociedade patriarcal: esposas, donas de casa e mães.</p> <p>Aqui trazemos uma representação da esperada vitória dos anos de luta. Uma mulher negra, que compõe o grupo mais marginalizado em nossa pirâmide social, pelas opressões de raça e gênero, reestrutura uma idealização artística da bandeira que representa a nação utópica, o Brasil que lutamos para erguer. Ela reconfigura esta bandeira sozinha. Idosa, é fruto de muitos anos de luta social, de reivindicações nas ruas e embates políticos. Ao costurar, nossa representante não figura num lugar machista imaginado por estar juntando esses retalhos, pois ela está enfaixada, ela é a Mãtria Soberana, ela reconfigura e reconstrói a bandeira a partir de um lugar político.</p> <p>Este é o Brasil que queremos ter.</p> <p>Um país que atende as necessidades de todos e, sem exclusão, orgulha-se de uma bandeira que representa a todos, todas e todes. Um país que proporciona de forma efetiva liberdade e autonomia para que seus cidadãos possam ter o direito a uma vida digna e orgulhem-se em dizer que são independentes.</p> <p>A bandeira desta alegoria foi confeccionada a partir de muitas mãos, um mosaico que teve cada pedaço enviado para diferentes grupos sociais que nos devolveram seus retalhos da bandeira com um simbolismo próprio, confeccionando-a com aquilo que mais lhe representa em seu próprio entendimento de independência. Grupos indígenas, grupos de mães do sistema prisional, grupos LGBTQIA+, estudantes e também a própria comunidade da Beija-Flor participaram desta ação que formou este imenso mosaico.</p>

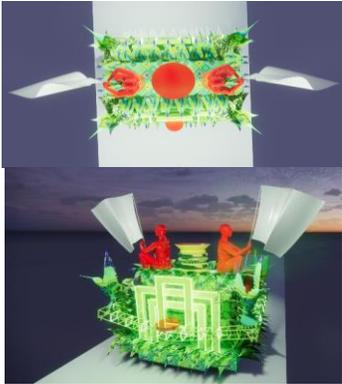
FICHA TÉCNICA

Alegorias

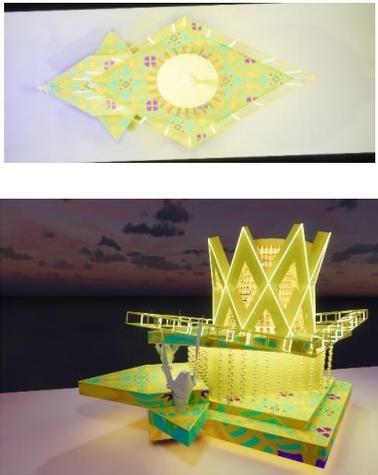
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>POR UM NOVO NASCIMENTO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>O lema que escolhemos “Por um novo nascimento” não apenas figura de forma direta, já que esta bandeira, alegoria e desfile propõem o renascimento da independência desta nação, mas está atrelada também aos versos do samba enredo do carnaval anterior que dizia: “Por um Novo Nascimento Um Levante, Um compromisso”; que é exatamente o que pretendemos como mensagem neste quase final de desfile. Para um novo nascimento da nação independente Brasil, há de se mobilizar a sociedade para um levante que esteja fortemente atrelado ao seu compromisso.</p> <p>Destaques Central – Raíssa Oliveira – Mãtria Soberana (Empresária, Rainha de Bateria)</p> <p>Semidestaque – Azul – Inclusão e Participação a Diversidade de Gêneros</p> <p>Semidestaque – Branco – Igualdade de Classes</p> <p>Semidestaque – Amarelo – Respeito ao Direito de todas as Raças</p> <p>Semidestaque – Verde – Direito à Vida Digna</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé 02</p> <p>O AMANHÃ NÃO ESTÁ À VENDA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Exaltamos em meio ao cortejo as projeções de futuro a partir do ponto de vista de artistas indígenas, assim como algumas das manifestações presentes na ala. Uma alegoria que traz duas esculturas desses representantes erguendo suas próprias bandeiras de Brasil (lembrando que estas bandeiras são provocações utópicas), e é formada a partir da referência estética de Daiara Tukano, que hoje é umas das principais artistas do país e alimenta, através de suas produções, este olhar proveniente de um repertório de experiências e conceitos indígenas.</p> <p>A relação com a terra é o principal fator do sentimento de nação e está intrinsecamente conectado com a ideia de independência dos povos indígenas. Apesar das muitas diferenças, as nações indígenas compartilham entre si algumas compreensões e filosofias oriundas de uma história comum de resistência à invasão colonial e de garantia de sua sobrevivência e autonomia. Mas estas comunidades não se resumem à lógica da resistência, pois, ao mesmo tempo que resistem, estão produzindo conhecimento e, sobretudo, sonhando com um futuro outro que se empenham em construir.</p> <p>Não basta reconhecer os povos, comunidades e nações indígenas como povos originários, atestando a sua presença histórica no território brasileiro. É preciso também reconhecer e valorizar a imensa contribuição cultural indígena através de sua ciência, arte, culinária e tantas outras inestimáveis construções.</p> <p>Em memória e em respeito aos seus antepassados, os povos, comunidades e nações indígenas permanecem cultivando suas crenças e exercitando seus costumes como forma de resguardar suas identidades e seu histórico e pujante patrimônio cultural. A prática e a revitalização das suas tradições é, ao mesmo tempo, uma maneira de manutenção, proteção e desenvolvimento das suas múltiplas concepções de vida.</p> <p>Destaque Frontal – Thais Muller – Esperança Vermelha (Atriz) Destaques Central Alto – Marcos Jasmim – Dono do Brasil (Produtor de Eventos)</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

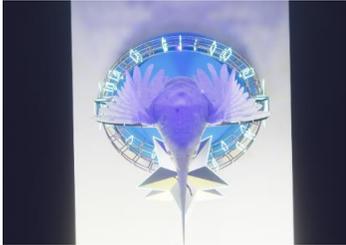
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p>FUTURO ANCESTRAL</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>As distintas manifestações culturais afro-brasileiras são marcadas, desde suas origens, pela preservação do passado, o questionamento do presente e a construção do futuro. Nesta alegoria, a presença da Velha Guarda junto a outros produtores da memória coletiva do país, atua como símbolo desta compreensão no amplo universo das escolas de samba e de outras organizações da cultura negra. Ao mesmo tempo que representam a salvaguarda da história, garantem o futuro através da disseminação de seus saberes, perpetuando sua existência.</p> <p>Reinventando a vida em um cenário adverso, a negritude forjou a sua experiência na manutenção da tradição e a projeção de um novo amanhã, que aqui representamos através das muitas bandeiras de Brasis utópicos imaginadas por artistas negros.</p> <p>É inegável as múltiplas contribuições e heranças africanas nas formas de conhecimento, práticas, crenças, hábitos e costumes disseminadas no país representadas pelos fios de contas que entrelaçam a alegoria como uma grande estrutura do DNA ancestral passada por gerações.</p> <p>A ancestralidade é um princípio filosófico, uma tecnologia que reivindicamos como força motriz das formas culturais afro-brasileiras. Um princípio que arregimenta valores e organiza modos de pensar, ser e estar no mundo.</p> <p>São muitos os caminhos descortinados pela perspectiva de um futuro ancestral. Outros Brasis emergem destas fabulações. As contribuições intelectuais do povo negro ampliam o campo de possibilidades ao requerer a construção de um país que valorize as sofisticadas estruturas de pensamento e prática que elas expressam.</p> <p>Artistas negros têm desenvolvidos trabalhos de repensar e ressignificar a bandeira nacional justamente para que ela dê conta de demonstrar a presença, a relevância e a potência dos saberes talhados em ébano.</p> <p>Destaque Frontal – Sonia Capeta – Cultura Negra Brasileira (Rainha de Bateria) Destaque Médio – Michele Nobre – A cor do Futuro Destaque Central – Cláudia Lobo - O Futuro é Ancestral (Empresária) Composição – Velha Guarda – Fundamentos Ancestrais Composição – Bandeiras – Novos Possíveis Brasis Convidados - Produtores da memória coletiva do país</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé 03</p> <p style="text-align: center;">SUBVERSIVO BEIJA-FLOR DAS MULTIDÕES</p> <div style="display: flex; flex-direction: column; align-items: center;">   </div> <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</p>	<p>Construímos ao lado da nossa gente nilopolitana, que sintetiza o povo brasileiro, a nossa soberania no carnaval, e é no carnaval que defendemos a voz da nossa BRAVA GENTE. Gente que quer ser livre e independente. Somos a areia na farofa de quem constrói o Brasil oficial, pois seremos eternamente o grito do Brasil Real.</p> <p>Um beija-flor, símbolo de liberdade, subversivo e indomável que figura no círculo azul central trazendo os seus próprios dizeres da bandeira que defende: Pela Independência do seu povo e pela liberdade em exercer o seu papel na cultura.</p> <p>Personagem – Eloina dos Leopardos (Rainha de Bateria)</p> <p>Destaque Alto – Vitória Rossano – Além dos Carnavais</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Pajé Zeneida Lima	Ativista
Giovanna Lanceloti	Atriz
Zézito Ávila	Estilista
Edson Gouveia	Empresário
Linniker	Cantora e Atriz
Rose Reis	Empresária
Raphaela Reis	Publicitária
Fernando Odnã	Empresário
Bruna Gonçalves	Dançarina
Nathalia Deodato	Atriz
Tingo Palma	Promotor de Eventos
Cássio Dias	1º Bailarino
Raíssa Oliveira	Empresária
Marcos Jasmim	Produtor de Eventos
Thais Muller	Atriz
Sonia Capeta	Rainha de Bateria
Cláudia Lobo	Empresária
Eloina dos Leopardos	Rainha de Bateria
Vitória Rossano	Empresária
Local do Barracão Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Zona Portuária	
Diretor Responsável pelo Barracão Ângela da Costa e Alexandre Esposito “Jiló”	
Ferreiro Chefe de Equipe Cláudio José e Alan Duque	Carpinteiro Chefe de Equipe João Paulo e Washington Castelinho
Escultor(a) Chefe de Equipe Léo, Andreia, França, Sorriso e Dilsinho	Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis
Eletricista Chefe de Equipe Dedé	Mecânico Chefe de Equipe Cléber Loiola

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

David Augusto “Tigorofi”	- Supervisor de Barracão
Fabio Santos	- Destaques e Composições
Mauro Cordeiro	- Pesquisa
Airton Barbosa	- Assistente de Carnaval
Cheyenne Santos	- Projetos e Produção de Carnaval
Jorge Baiano, Cara Preta e Bolinha	- Empastelação e Fibra
Zeli Lanoa	- Esculturas em Ferro e Movimento
“Baixinho”	- Placas de Acetato
Lenile Pessoa e Cleilton Costa	- Compras
Evandro, Vagner e “Pagodinho”	- Almojarifado
Edgar Laurindo, Elson “Bigode” e Cléber Santos Cunha	- Portaria
Josilene	- Assistente de Copa
Tiago Martins	- Aderecista Carros 02 e 05 e Comissão de Frente
Adriano	- Aderecista Carros 01 e 03
Luiz	- Aderecista Carro 04
Batista	- Hidráulica

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Pajé Zeneida Lima – A Pajé Zeneida é uma importante personagem na luta indígena brasileira. Uma das poucas mulheres pajé, representa também o combate à intolerância e ao sexismo. Foi duramente perseguida em episódios assustadores como o cerco que sofreu em sua casa, ameaçada com tochas, facões e armas de fogo, violência pautada na não compreensão de sua espiritualidade que se manifestava em um corpo de mulher.

Zeneida é também um símbolo importante para a Beija-Flor de Nilópolis, foi ela a responsável pelos principais enredos que trouxeram a agremiação de volta ao protagonismo da disputa em 1998 (com um título que contava uma das histórias da Pajé), entre outros grandes desfiles como o de 2001 com a história de Agotime.

Zezi Ávila – Principal destaque de luxo da agremiação. Desfila na escola desde 1987 como componente na ala Flor do Samba (estandarte de ouro). Iniciou como chefe de ala, chefe de ateliê e nos anos 2000 torna-se destaque de alegoria.

Edson Gouveia – Apaixonado por carnaval, escolheu a Beija-Flor pela força de sua comunidade.

Linniker – A atriz e cantora tem uma relevante participação no enredo que trata sobre a independência. Subjetivamente nos desdobramentos do debate do tema, traz a importância de um corpo trans representar com legitimidade uma referência negra e da luta feminina como Maria Felipa.

Cássio Dias – O artista Cássio Dias é o Primeiro Bailarino da Beija-Flor. Renomado na escola desde 1990, começou como passista, em 1991 ganhou estandarte de ouro como melhor passista. Em 1992 desfila na frente da bateria ao lado de Sônia Capeta, configurando assim um dos primeiros Reis de Bateria, sucessor de Moisés que já habilitava este cargo de “partner” da Rainha de Bateria.

Raíssa Oliveira – Raíssa de Oliveira notabilizou-se no Carnaval carioca ao ser escolhida como rainha de bateria da escola de samba GRES Beija-Flor aos 12 anos de idade, no ano de 2003, após ganhar um concurso de TV no qual concorriam passistas mirins de diversas escolas. Ocupava o posto todos os anos desde então.

Nasceu e cresceu no meio do samba e tornou-se a mais jovem Rainha de Bateria de Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Ao contrário da maioria das rainhas de bateria do grupo especial carioca na década de 2000, Raíssa foi uma rainha de bateria escolhida na própria comunidade, e manteve-se fixa num posto considerado rotativo. Antes de desfilarem como rainha de bateria, era integrante da ala das crianças.

Marcos Jasmim – Destaque de Luxo desde 1997, Jasmim é componente da escola há 41 anos.

Sônia Capeta – Cria da Beija-flor de Nilópolis, Sônia Maria Regina ganhou o codinome Capeta pela forma acelerada que sambava. Mexendo os quadris com extrema rapidez. Ela foi descoberta pelo carnavalesco Joãozinho Trinta, que se encantou com a passista, que se tornou rainha de bateria em 1983 e reinou até 2002. Tem título de Patrimônio Cultural e é vencedora de um Estandarte de Ouro

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Eloina dos Leopardos – A 1ª rainha de bateria do Carnaval, Eloína dos Leopardos, reinou à frente dos ritmistas da nossa azul e branco de Nilópolis, em 1976, a convite do saudoso Joãozinho Trinta.

Belíssima e encantadora, Eloína roubou os holofotes, se tornando um dos grandes acontecimentos daquele ano, dando sequência ao seu reinado nos dois anos seguintes, conquistando junto à escola o primeiro tricampeonato.

Eloina carrega o título de ser a também a primeira rainha transgênero da história do carnaval. Em um enredo que trata sobre liberdade e autonomia, a pioneira rainha remete à representação na cultura da luta por representatividade e direitos LGBTQIA+.

Trazemos aqui um espaço para apresentar de maneira mais direta - não subjetiva - alguns dos conceitos que envolvem a criação do conjunto alegórico para o carnaval 2023.

O desfile da Beija-Flor propõe uma provocação à comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, comemorados oficialmente em sete de setembro de 2022. Além da data, provocamos as heranças físicas e simbólicas desta construção de narrativa, entre elas, a mais proeminente de todas: o desfile militar do Sete de Setembro, o maior ritual que envolve a data oficial.

Para esta provocação, o desfile se propõe a ser o avesso da parada militar, logo, um desfile cívico (construído por civis) que tenha muito mais a ver com o povo brasileiro e incorporando, principalmente, dois símbolos desta brasilidade: o desfile da Independência da Bahia, que louvamos como o melhor exemplo do que poderia ser nossa comemoração da emancipação; e o próprio desfile de escola de samba como um desfile de civis e também como ato político. Ambos oferecem um valor muito importante: a ampla participação popular.

Por considerar nosso desfile um ato cívico popular que provoca a história, simbolicamente, assim construímos o **conceito** do conjunto alegórico:

*Tripé 01 - Pede Passagem

O conceito de ato cívico popular que guia nossa apresentação não poderia abrir de maneira diferente que não com um pede passagem. Elemento histórico dos desfiles de escola de samba, carrega o nome da agremiação anunciando que a partir dali a história começará a ser contada, após seus anunciantes (comissão de frente) e os representantes da sua bandeira (casal de mestre-sala e porta-bandeira). Não ao acaso, o pede passagem este ano traz uma líder indígena, a pajé Zeneida, o que traz similaridade conceitual, não estética, do elemento alegórico do Dois de Julho, que exibia pelas ruas durante o ato, um personagem indígena mais velho.

*Alegorias 01 e 02

A primeira alegoria remete ao quadro "Independência ou Morte" do pintor Pedro Américo. Principal símbolo de 1822, este quadro no desfile simboliza a primeira história que nos foi contada, as referências nos livros de história da escola que sempre acompanhavam a imagem da obra de arte.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Há uma provocação que é construir o que seria o carro “Abre-Alas”, o primeiro carro, a primeira história, muito menor que o segundo carro, a história contada depois. Na realidade, o conceito é desconstruir a imagem oficial da independência que aqui compreendemos como uma fantasia histórica, produzida com intenções políticas manifestas em seus protagonismos e apagamentos. Já a segunda alegoria representa um novo quadro para contemplação, reverenciando os heróis e heroínas do Dois de Julho de 1823, uma imagem que consideramos mais fiel a uma independência que foi disputada, batalhada e conquistada não apenas nos salões, mas em campos de batalha. Construindo o conjunto visual da entrada da agremiação, essas duas alegorias se contrapõem também pois enquanto uma é ação, movimento e transformações, a outra é contemplação, magnitude e celebração.

*Alegoria 03 e Alegoria 04

Reparem como a primeira imagem humana a despontar solitária e ao mesmo tempo profusa, é justamente a que representa a liberdade. Antes, a alegoria 02, compõe-se de várias esculturas de humanóides, trazendo o sentido de coletivo que foi a luta do Dois de Julho. Já na alegoria 03 a única escultura solitária é a liberdade, apesar de grande e protegida por outras esculturas de negros, ela desponta solitária no alto. A solidão da liberdade faz sentido nesta construção de conceito, pois, poeticamente, será a criança que nascerá dela que viverá no Brasil republicano do setor seguinte.

No efeito do setor sequente, o conjunto sugere que tudo é uma grande prisão, onde vivem os sujeitos “libertos”. As torres de vigilância passam a sensação que tudo está sendo acompanhado. Ora vigilantes, ora vigiados, este setor nos leva à alegoria do medo. Como se fosse devorar tudo aquilo que condena os dragões foram escolhidos para representar a opressão, sugerindo uma ligação à própria alegoria do Dois de Julho, onde esta figura, dominada pelo caboclo, simboliza a tirania portuguesa. Agora não mais sozinho, como no andor da independência da Bahia, ele se apresenta em três faces, retratando a estruturação do sistema opressivo. É como um ciclo, apesar das lutas e conquistas simbólicas de liberdade e autonomia, os comandantes criam estratégias de fortalecimento para a manutenção do poder, e a dominação é mantida através do tempo.

*Alegoria 05

Como uma das principais figuras do desfile, rouba a cena, nesta alegoria, a grande mulher que reconfigura a bandeira do Brasil. Fazemos aqui uma grande virada estética. Uma única figura que se transforma na alegoria inteira, sem estruturas prediais, valoriza-se a unidade escultórica. Como solução de comunicação das mensagens diretas, existem três frases: “Mátria Soberana” atua como um anúncio do cenário sonhado a ser apresentado. Imaginamos como nos antigos quadros de pinturas, quando o nome da obra era esculpido em sua moldura. Outra frase é da bandeira “Por Um Novo Nascimento”, que carrega a grande mensagem do desfile, e, por fim, uma terceira “Devolve o Brasil Pra Nós” (inspirada na artista plástica Iuna) que age como se estivesse no verso da pintura, como um recado para quem investiga a obra por trás. Ao mesmo tempo esta frase é um chamado provocativo para o setor que vem logo em seguida a alegoria. Assim, passando a mensagem central do desfile, esta alegoria se encontra na conclusão do setor dos agentes sociais que estão na rua, assim como conduz a massa do cordão dos excluídos que vem logo a seguir.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

As frases nas alegorias são importantes artifícios de comunicação para alertar, anunciar ou provocar quem assiste o ato cívico. Há uma similaridade também nas alegorias de pequenos cortejos que traziam dizeres. Todo o desfile da Beija-Flor é pensado como um ato cívico formado por populares para desfilar nas ruas, logo partimos dessas referências, porém ele é concebido para o tamanho do espetáculo.

*Tripé 02 - Alegoria 06 - Tripé 03

Por se tratar de um setor que aborda as construções utópicas de Brasil a partir da cultura, pensamos em muitos - dentre os milhares - de cortejos que acontecem no país, que de alguma forma, conceitual ou essencialmente, projetam essas ideias de futuro. Como a concepção é um enorme bloco formado por estes excluídos, decidimos que não caberia fechar o desfile com uma única alegoria que sintetize tantas ideias de Brasil. Por isso, decidimos fechar o ato de maneira diferente: três alegorias que pudessem estar dentro do cortejo final. É um ato dentro do grande Ato, ou mesmo um cortejo final, o grito dos excluídos.

De alguma maneira, as três alegorias trazem (em cima ou nas laterais) bandeiras do Brasil reimaginadas por artistas plásticos dentro de seus contextos culturais.

Como a reconstrução do País neste setor está ligada também a outras idealizações do símbolo pátrio (a bandeira), as três alegorias são também a desconstrução dela: o primeiro a forma retangular verde, o segundo o formato amarelo do losango e por fim o formato azul do círculo.

A diversificação da montagem do desfile deste ano desconsidera valores de mensagem entre alegorias e elementos alegóricos. Todos são artifícios cênicos que nos auxiliam não apenas a figurar a história, mas também a contá-la criando conceitos entre suas atuações e disposições.

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Destaques de Chão (Personagens)</p> 	<p>O cortejo da Beija-Flor de Nilópolis se inicia apresentando personagens emblemáticos da guerra de independência na Bahia.</p> <p>Urânia Vanério de Argollo Ferrão era uma criança quando testemunhou, da sua janela na cidade de Salvador, a violência praticada pelos lusitanos na capital baiana. Em sua mais tenra idade, a jovem registrou os conflitos que assistiu e publicou um panfleto, de maneira anônima, denunciando o despotismo de Portugal.</p> <p>Joana Angélica de Jesus, era uma abadessa pertencente à Ordem das Reformadas de Nossa Senhora da Conceição, mártir e heroína da Independência brasileira. Quando soldados portugueses atacaram o Convento, Joana praticou o ato de bravura final de sua vida, onde morreu nobremente para defender suas irmãs e sua entidade, resistindo à selvageria dos invasores.</p> <p>A memória coletiva dos habitantes de Cachoeira, no recôncavo, registra que um homem negro, responsável pelo toque do tambor das tropas brasileiras, foi morto por estilhaços de canhão. A morte de Tambor Soledade, inflamou ainda mais a população contra a embarcação portuguesa, que sequer desembarcou seus homens às margens do Paraguaçu.</p>	Destaques de Chão	Márcio Vieira e Fabricio Ligiero

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Destaques de Chão (Personagens)</p> 	<p>Na batalha de Pirajá, decisiva para os rumos da guerra, celebrou-se a figura do Corneteiro Lopes. Incumbido da missão de tocar para ordenar a retirada das tropas brasileiras, frente a iminente derrota, o corneteiro desobedece às ordens recebidas e toca para que a cavalaria avance e degole. O resultado, premeditado ou não, é a fuga desordenada das tropas portuguesas ao pensar que os baianos conseguiram reforços.</p> <p>Maria Quitéria de Jesus foi a primeira mulher a integrar as Forças Armadas. Contrariando sua família, alistou-se para lutar na guerra da independência utilizando uma identidade masculina. Corta os cabelos, veste-se de homem e se alista como ‘soldado Medeiros’, nome apropriado de seu cunhado. Mesmo descoberta, suas habilidades de combate garantiram sua permanência nas tropas e seu destaque inspirou outras mulheres a entrarem na guerra.</p>	Destaques de Chão	Márcio Vieira e Fabricio Ligiero

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Exército Libertador</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>A fantasia representa a entrada do Exército Libertador na cidade de Salvador, em Dois de Julho de 1823. A Bahia foi o palco da mais dramática e decisiva entre as guerras de independência do Brasil. Tendo início antes e desfecho posterior ao sete de setembro de 1822, a luta pela independência na Bahia é episódio central e definitivo da causa nacional. Desde o final de 1821, o clima entre brasileiros e portugueses já era acirrado na província. Com o retorno de Dom João VI, ficou evidente que a revolução em curso em Portugal tinha como objetivo a retomada do regime colonial, dissolvendo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A desconfiança mútua foi virando ódio e este sentimento dividia as tropas militares, pois estas eram compostas tanto por brasileiros quanto por portugueses. Em fevereiro de 1822, a facção portuguesa, sob o comando do veterano das guerras napoleônicas Madeira de Melo, tenta subjugar a província através das armas. Houve resistência. Durante um ano e quatro meses, brasileiros e portugueses travaram um conflito bélico. Do lado brasileiro, o Exército Libertador era composto por populares, negros, mulatos, indígenas, mestiços e brancos pobres que lutaram e morreram pelo triunfo patriótico.</p>	Comunidade (1948)	Valéria Brito e Michel

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Exército Libertador (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Em Dois de julho de 1823, após a expulsão das tropas portuguesas no dia anterior, o Exército Libertador fez sua entrada triunfal na cidade de Salvador, sendo celebrado efusivamente pela população, em um clima festivo e de orgulho que, ainda hoje, marca as celebrações da data.</p> <p>Por honra a glória de sua vitória, retratamos as diversas origens dos populares que participaram desta jornada fazendo uso de muitos tons de dourado. Iluminados pelo sol que, como diz o hino do Dois de Julho, <i>neste dia foi muito mais brasileiro</i>, a roupa contrasta com a retratação dos portugueses inseridos nesta abertura.</p>	Comunidade (1948)	Valéria Brito e Michel

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>Glória a República do Nordeste</p> 	<p>Em Dois de julho de 1824 uma outra proclamação de independência agitou o país: nascia a Confederação do Equador, um projeto de República federalista no nordeste brasileiro.</p> <p>Movimento de caráter separatista e de contestação à política imperial, este levante defendia tanto a efetiva autonomia do Brasil em relação a Portugal, em meio a posturas ambíguas do Imperador brasileiro, herdeiro do trono português; quanto a autonomia das províncias no pacto constitucional em relação ao governo central.</p> <p>Embora tenha sua origem em Pernambuco, se alastrou para o Rio Grande do Norte, o Ceará e a Paraíba, configurando um amplo movimento dissidente no decurso do processo de independência, período de construção e consolidação da ordem nacional, a invenção da nação.</p> <p>A dissolução da Assembleia Constituinte pelo Imperador, em novembro de 1823, foi o estopim para um questionamento ao caráter centralizador e autoritário do Estado nascente, desfazendo a ilusão de uma política democrática. O Império era lido como uma continuidade da dominação lusitana.</p>	Amigos do Rei	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>Glória a República do Nordeste (Continuação)</p> 	<p>Este movimento evidencia que existia, no seio das discussões acerca do modelo político, um projeto republicano e federalista. A suspensão do tráfico negreiro na Confederação é um elemento exemplar de uma imaginação política de um Brasil alicerçado em outros valores.</p> <p>A predominância pelo tom dourado, marca dos figurinos deste setor, é uma escolha de representar estes atos de revolta em uma aura gloriosa. A indumentária inclui um estandarte que estampa a bandeira da causa, ícone dos ideais que alimentavam. Trechos originais das cartas trocadas pelos principais líderes da revolta compõem a vestimenta.</p>	Amigos do Rei	Diretoria de Harmonia e Desfile
03	<p>Ode aos Botocudos</p> 	<p>A ala representa a resistência heroica, o destemor e a bravura dos botocudos na luta pela sua própria existência e pela autonomia.</p> <p>No ano de 1808, assim que a Corte Portuguesa chegou ao país, Dom João declarou uma <u>guerra ofensiva</u> aos botocudos que só seria revogada em 1831. O principal intento desta medida era a questão da posse das terras. No século XIX, eles ocupavam os sertões de Minas Gerais e do Espírito Santo, na região dos rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha, lugar cobiçado no roteiro de expansão econômica que tinha justamente na questão das terras uma pauta decisiva.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Ode aos Botocudos</p> 	<p>Mesmo durante as guerras da independência, os conflitos entre as tropas do nascente Império brasileiro e os indígenas não cessaram. No alvorecer de um Brasil emancipado de Portugal, indígenas, filhos desta terra, foram combatidos como inimigos da nação a se construir. Em 1824 os botocudos realizam um cerco na cidade de Vitória, Espírito Santo, em um episódio emblemático de insubmissão em um contexto violento onde a própria existência desta nação indígena estava em jogo.</p> <p>Indígenas integrantes do complexo Macro-jê, os botocudos são caçadores e coletores seminômades que cultivam a crença nos espíritos encantados dos mortos. Seus hábitos e modos de vida foram classificados pelo olhar eurocêntrico do colonizador, desde o primeiro contato, como obstáculos a um projeto civilizatório homogeneizador e violento.</p> <p>Reconhecemos sua bravura através de diferentes táticas e estratégias em uma saga de resistência heroica.</p> <p>A construção da fantasia procura dar altivez e grandiosidade a essas importantes figuras e contém representações iconográficas dos botocudos. Ainda que massacrados na história, merecem o reconhecimento por resistirem na luta por suas terras em um país tão hostil, principalmente com seus povos originários.</p> <p>Fazemos aqui nossa ode a estes heróis e heroínas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Sonho de Liberdade Malê</p> 	<p>A compreensão da escravidão é indispensável para o entendimento da formação histórica do Brasil e de muitas revoltas e levantes sociais. O tráfico transatlântico de africanos escravizados para o continente americano teve o país como seu principal importador. Esta é a dimensão do papel brasileiro nesta tragédia humana. Após a independência, pressionado pela Inglaterra, o Império assinou, em 7 de novembro de 1831, a Lei Feijó que proibia a importação de escravizados. Na prática, o tráfico permaneceu, agora de maneira ilícita, pois tanto fornecia mão de obra para o trabalho quanto configurava, ele mesmo, um comércio altamente lucrativo. Rio de Janeiro e Salvador eram as duas cidades mais importantes deste tráfico internacional. A capital baiana, que entre escravizados e libertos, tinha 78% da população composta por afrodescendentes, foi palco de diversas rebeliões negras sendo a mais significativa dentre estas a Revolta dos Malês. Um protesto coletivo, um levante, uma rebelião que, embora tenha sido rapidamente controlada, estremeceu a classe senhorial em seu temor de um novo Haiti.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Sonho de Liberdade Malê (Continuação)</p> 	<p>Este movimento pode ser compreendido a partir de uma combinação <i>sui generis</i> de três elementos: pertencimento étnico, condição de classe e religião. Os malês eram negros muçulmanos de origem iorubá – nagôs, haussás, ewes e etc. - e esta identidade étnica e religiosa se articulava a condição de classe: a maior parte dos revoltosos eram escravizados. Mesmo os revoltosos libertos, compunham o estrato mais baixo da pirâmide social. Ainda que contasse com a presença de africanos não-muçulmanos, a verdade é que os malês foram os responsáveis pelo planejamento, a organização e a liderança da rebelião. Protagonizaram o levante desde a sua gênese. Partilhavam coletivamente a crença no poder protetor de amuletos, usavam joias e trunfas na cabeça. Nas reuniões de mobilização havia a leitura e a memorização de passagens do Alcorão e o levante foi programado para o final do mês sagrado do Ramadã.</p> <p>No peito da fantasia, o patuá, artifício que guardava trechos do Alcorão. Usado também para identificar seus iguais, foi um atributo importante durante a trama e mesmo enquanto acontecia o combate. Na casaca, escritos em árabe que foram tirados de alguns desses pequenos papéis resgatados nas pesquisas sobre a revolução malê.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Sonho de Liberdade Malê (Continuação)</p> 	<p>Os filhos de Alá na Bahia ensejaram transformar radicalmente a sua realidade e embora não tenham sido vitoriosos, os malês legaram heranças históricas e culturais até hoje presentes em nosso cotidiano, mas, acima de tudo, nos ensinaram, através de sua experiência, a importância da organização coletiva para os nossos anseios de liberdade.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
05	<p>Orgulho Cabano e Identidade Amazônica</p>   	<p>A manutenção do <i>status quo</i> após a independência demonstrou ao povo brasileiro que a construção da nação no Império era uma continuidade histórica do modelo implementado desde a colonização. Este caráter conservador do poder gerou forte contestação pois as condições de vida da população tornaram-se ainda mais precárias com a crise econômica que sucedeu a emancipação. Este contexto é fundamental para entender a Cabanagem. O ódio ao mandonismo branco e as autoridades de um Estado que não proveu condições materiais de uma vida digna para ampla maioria de sua população, foram motores para a emergência do movimento cabano, a <i>revolução infinita</i>.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Orgulho Cabano e Identidade Amazônica (Continuação)</p> 	<p>Na província do Grão-Pará teve lugar uma revolução tão importante e extensa – no tempo e no espaço – quanto mal compreendida. A Cabanagem nasceu em Belém do Pará, mas avançou até as fronteiras do Brasil central, além do litoral norte e nordeste. Embora tenha sido iniciada na capital da província, espalhou-se pelas florestas, rios e igarapés interiorizando uma luta armada que envolveu populações indígenas e quilombolas, mestiços, negros e negras na construção de uma identidade a partir de uma experiência coletiva de luta por liberdade e pelo direito de ser.</p> <p>Com os elementos cenográficos que compõem a temática da fantasia, indígenas e ribeirinhos interagem orgulhosos na avenida. Ao vestir essas fantasias, o componente nilopolitano representa no desfile esses personagens que, retratados de forma dourada, encenam o sucesso do reconhecimento de seus feitos. A oca, que também é cabana, aqui faz o papel da extensão da representação.</p> <p>A experiência cabana é um exemplo de ampla mobilização e participação popular, da construção de uma forma de governo e administração coletiva verdadeiramente democrática e de uma Amazônia plural, diversa e pujante. O espírito cabano transformou-se em um ideal que ainda encanta mentes e corações amazônicas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Um Grito de Liberdade Quilombola</p> 	<p>Submetidos a longas e extenuantes jornadas de trabalho, a população negra escravizada construiu diversas formas de resistência, sobretudo fugas, revoltas e quilombos. Um exemplo é a revolta quilombola de Manuel Congo e Marianna Crioula.</p> <p>A região do Vale do Paraíba, sul fluminense, abriga um conjunto de municípios que, ainda na primeira metade do século XIX, transformaram a localidade na maior produtora de café do país. Esta produção em larga escala que fez do café a base de sustentação econômica do Império, seu principal item de exportação, estava assentada na brutal exploração do trabalho escravo, elemento primordial do sucesso desta empreitada.</p> <p>No dia 5 de novembro de 1838, na então freguesia de Paty do Alferes, na vila de Vassouras, importante localidade do Vale do Café, irrompeu uma revolta liderada por Manuel Congo e Marianna Crioula após o assassinato brutal e a sangue frio de Camilo, um negro escravizado, por um capataz da fazenda Maravilha, de propriedade do Capitão-mor Manoel Francisco Xavier. Uma fuga em massa das duas fazendas do senhor ocorreu entre os dias 6 e 10 de novembro de 1838, contando com a adesão subsequente de cativos de outras fazendas da região, ampliando o movimento e disseminando o sentimento de ruptura com a dominação senhorial. Esta seria a maior revolta negra do meio rural brasileiro.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Um Grito de Liberdade Quilombola (Continuação)</p> 	<p>Organizaram um Quilombo que tinha como ideal o amor pela liberdade que desafiava a própria morte. O objetivo era garantir sua defesa e produzir para subsistência.</p> <p>As correntes quebradas do figurino representam o ensejo da liberdade, fator de existência dos quilombos. Cruzando o peito, tecidos trazem um trabalho de estamparia com as imagens de Manuel Congo e Marianna Crioula, principais líderes desta revolta.</p> <p>O destemor, a rebeldia coletiva e insubmissão são valores fundamentais daqueles e daquelas que ousaram buscar melhores condições de vida. “Morrer sim, entregar não!”.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p>Mãos que Tramam a Resistência</p>	<p>Tia Lúcia, coordenadora da ala das baianas, representa aqui uma personagem da Balaiada, artesã que a partir de seus talentos teceram saberes na revolta, destacando o papel feminino nas empreitadas de inteligência e também na luta armada.</p>	Destaque de Chão	Tia Lúcia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Do Balaio Vem a Revolução (Baianas)</p> 	<p>A Balaiada foi um movimento revolucionário que marcou decisivamente o período regencial. Através do envolvimento de amplos setores populares, o levante desenvolveu uma cultura política democratizante e igualitária que constituía uma ameaça ao conservadorismo da política imperial. Alastrou-se por vastos territórios nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará, mobilizando milhares de rebeldes ao propagar a chama da revolução a partir de dezembro de 1838.</p> <p>Os heróis deste levante social são figuras do povo. O vaqueiro Raimundo Gomes Vieira Jataí, o Cara Preta; Cosme Bento das Chagas, o Negro Cosme; e, por fim, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio. É justamente do ofício de confecção e venda de pequenos cestos de palhas de Manuel que a revolução herdou seu nome.</p> <p>Em um período onde a própria ideia de nação estava em formação, esta experiência histórica de luta por direitos, acesso e justiça, é central para a compreensão das muitas outras possibilidades que existiam e da forma violenta e autoritária pela qual a ordem se estabeleceu no país.</p>	Ala das Baianas (1948)	Tia Lúcia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	Do Balaio Vem a Revolução (Baianas) (Continuação) 	<p>O amplo contingente revolucionário deste movimento mesclava escravizados, quilombolas, artesãos, sertanejos, lavradores, vaqueiros, camponeses e trabalhadores livres que transformaram seus instrumentos de trabalho em armas. Homens e mulheres comuns que, em busca de dignidade, denunciaram e desafiaram a lógica privatista da dominação das oligarquias constituídas pelos grandes proprietários de terras e escravizados.</p> <p>A fantasia das nossas matriarcas reproduz os balaio que estão sendo carregados em suas cabeças. Esta arte da trama de palha está reproduzida também em seu pano da costa e na saia. O figurino traz uma mistura da tradicional representação dos signos de uma baiana, estilizados nos símbolos da revolução. No cesto, elas carregam as armas da revolta: facas, foices e canivetes eram os instrumentos de trabalho na confecção dos balaio que foram transformados em instrumentos de luta.</p> <p>“Balaio chegou Balaio chegou Cadê branco? Não há mais branco Não há mais sinhô”</p>	Ala das Baianas (1948)	Tia Lúcia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>O Zumbido da Resistência</p> 	<p>Entre o final de 1851 e o início de 1852, um levante agitou o Nordeste brasileiro. Em províncias como Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte, homens livres e pobres, camponeses e sertanejos, em sua grande maioria agricultores de subsistência, se insurgiram contra o Império.</p> <p>O estopim foi a publicação do Decreto 798, um regulamento que estabelecia o registro civil da população brasileira, como uma etapa necessária e preliminar para a realização de um censo. Como a Lei Euzébio de Queiroz havia sido recentemente promulgada, determinando o fim da importação de escravizados africanos, a interpretação popular para tal decreto era de que na verdade se tratava de um mecanismo para estabelecer a escravização de livres e libertos, sobretudo das crianças. Afinal de contas, a importação estava proibida, mas a escravidão continuava dentro da legalidade.</p> <p>Uma ampla e decidida resistência popular ganhou as ruas e as repartições públicas, impedindo que documentos fossem lidos e afixados, exigindo e garantindo a suspensão de tais medidas. Indignados e destemidos, os desvalidos conseguiram através de suas ações fazer o governo recuar.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	O Zumbido da Resistência (Continuação) 	<p>Este levante ficou conhecido como Guerra dos Marimbondos, em referência ao zumbido provocado pela multidão ao se aproximar das repartições e espaços públicos.</p> <p>Os integrantes vestem uma fantasia inspirada em referências sertanejas, já usadas pelos vaqueiros da região. Em sua estampa a foto da época de crianças negras livres e em suas mãos uma estaca perfura os papéis dos cartórios, locais que foram os principais alvos dos revoltosos. Um esplendor de penas douradas adorna a figura do sertanejo, tão desvalorizada no imaginário brasileiro.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	A Cor da Luta 	<p>Reivindicamos o papel decisivo e fundamental da negritude para a conquista da abolição. Neste sentido, recusamos a ideia da liberdade como uma concessão, pois entendemos que esta foi o resultado de um longo processo de lutas protagonizado por abolicionistas negros através de distintas estratégias e ações. Exibe-se aqui a artista Charlene, mulher negra, que representa a ancestralidade africana na luta incessante pela liberdade.</p>	Destaque de Chão	Charlene

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>República da Espada e do Coturno</p> 	<p>A República no Brasil já nasceu velha, restringindo a cidadania a poucos e protagonizada por militares. Se o tripé que sustentava o Império brasileiro era composto pela relação <i>monarquia-latifúndio-escravidão</i>, não surpreende perceber que com a abolição da escravatura em 1888, as oligarquias latifundiárias descontentes retiraram seu apoio a monarquia e, no ano seguinte, é proclamada a República que decreta o banimento da família imperial do território brasileiro.</p> <p>É neste período, da Primeira República, que se consolida o projeto de nação iniciado no Império em suas características principais: a exclusão, a desigualdade e o autoritarismo. Operando através da construção de símbolos, o movimento republicano irá forjar uma ideia de Brasil que terá êxito na promoção dos seus valores. O país do futuro que silencia as mazelas do passado e as agruras do presente.</p> <p>O lema da bandeira nacional tem inspiração positivista. O progresso foi pensado como consequência da manutenção da ordem. Esta ordem, no Brasil, foi mantida através da violência, a partir da ação autoritária do Estado em um país desigual desde o seu alvorecer. Em nome da ordem e para manutenção da desigualdade, brasileiros e brasileiras sangraram nos sertões, nas florestas, campos e cidades.</p>	<p>Ala Vamos Nessa</p> <p>Ala Karisma</p> <p>Ala 1001 Noites</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>República da Espada e do Coturno (Continuação)</p> 	<p>A indumentária inicia a construção de um setor que se apresenta com cores menos vivas, predominando o prata e o chumbo. A intenção de trazer um aspecto mais pesado em um cenário que passe a sensação de seriedade, tensão e expectativa amedrontadora. Na bandeira que compõe a fantasia, ao invés de reproduzir o lema, ideias que consideramos mais coerentes com a República que foi erguida: opressão, desigualdade, força, medo e autoritarismo. Assim como em outras alas do setor, duas fantasias representam os panópticos, torres de vigilância que retratam a ideia da tutela e controle que o Estado sempre exerceu sobre seus cidadãos. Eis a nossa República.</p>	<p>Ala Vamos Nessa Ala Karisma Ala 1001 Noites</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

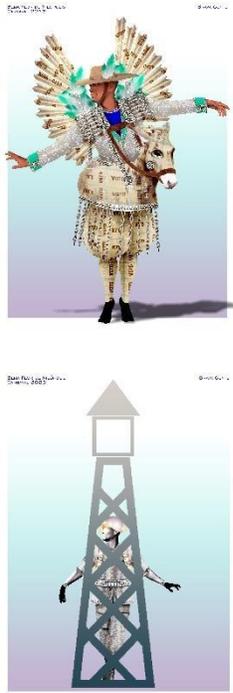
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Coronelismo e o Voto de Cabresto</p> 	<p>Fenômeno político que sintetiza o caráter do sistema representativo da primeira República, o coronelismo é um “compromisso” entre o poder público, progressivamente fortalecido, e o poder privado, decadente. Ao invés de combater o mandonismo de lideranças locais, o Estado, a República nascente, estabeleceu uma aliança, uma cadeia de favores de benefício mútuo.</p> <p>Enquanto o poder público oferecia aos “coronéis” - fazendeiros, grandes proprietários de terras - uma série de vantagens que permitiam a manutenção de seu poder local; estes garantiam os votos necessários no mundo rural através do controle agressivo sobre os trabalhadores.</p> <p>Baseado em uma estrutura agrária com ampla concentração de terras, o poder privado dos coronéis era de interesse do poder público graças ao estabelecimento do sufrágio amplo. Os barões promoviam o voto de cabresto, fazendo com que os trabalhadores rurais elessem os candidatos de seu interesse em pleitos onde o voto sequer era secreto.</p> <p>Charges da época já retratavam os coronéis em cima de burros, que na linguagem artística representavam o povo. É exatamente essa figura que replicamos na construção da fantasia: coronéis que montam seus burros que por sua vez estampam os votos. Caindo do animal, linhas de correntes que incrementam a mensagem da falta de autonomia do eleitor que era sufocado por seus mandatários.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Magia do Corpo Negro</p> 	<p>O corpo negro foi censurado e impedido de praticar suas gingas, ritmos em movimento, que traziam as heranças do sagrado africano. Aqui, duas destaques de chão, crias da Beija-Flor de Nilópolis, representam o corpo negro e seus movimentos que estão para além da sexualização dos corpos femininos. Neles existem saberes, ritos e heranças ancestrais sagradas, tratados como magia de maneira racista pelo Estado que criminalizou estes corpos e movimentos.</p>	<p>Destaques de Chão</p>	<p>Aieny Mendes e Flávia Custódio</p>
11	<p>Magia Negra (Passistas)</p> 	<p>A primeira constituição republicana, em 1891, decretou a separação entre o Estado e a Igreja, garantindo o Estado laico e a liberdade religiosa. Porém, na prática, este instrumento não garantiu o livre exercício do culto ao sagrado afro-brasileiro pois o Código Penal de 1890 manteve a perseguição e a criminalização sobre as religiosidades negras, classificadas como magia, ou seja, este dispositivo jurídico tinha o objetivo de, no pós-abolição, manter o controle sobre as populações negras. A fundação do Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro, em 1912, foi um marco deste processo. Este foi o lugar por excelência do aprisionamento do sagrado afrobrasileiro na então capital. Tratava-se, sobretudo, do epistemicídio das culturas de matriz africana. Uma política de exclusão. O racismo institucionalizado.</p>	<p>Ala de Passistas (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Magia Negra (Passistas) (Continuação)</p> 	<p>Durante anos, o Estado interveio em locais de culto, prendendo lideranças religiosas e, sobretudo, confiscando objetos sagrados. A permanência do olhar eurocêntrico e colonial acerca das culturas afro-brasileiras sob a égide do Estado de direito. Esta violência estrutural reflete o medo das formas de crença, das práticas de saber e das filosofias ancestrais que não se encaixam no modelo judaico-cristão.</p> <p>A questão da corporeidade é relevante para esta compreensão. Nas diversas formas de vida afrodiaspóricas, temos um corpo que não é culpa, nem precisa se redimir de um pecado original, mas que, ao contrário, é sagrado pois se faz morada dos deuses. O corpo que entra em transe, o corpo que samba, o corpo que não é domesticado nem disciplinado pois reage ao som do tambor. É a magia negra que amedronta a concepção colonial do mundo.</p> <p>Nossos passistas vestem uma indumentária baseada nestas culturas afro-brasileiras. Turbantes, flores, búzios e rendas adornam os negros corpos dos dançarinos de Nilópolis que, para além da roupa, em suas próprias existências materializam o fato histórico que representam.</p>	Ala de Passistas (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Liberdade Por Negras Expressões</p> 	<p>Em um setor que debate a exclusão de grupos sociais e raciais da compreensão e alcance, físico e simbólico, da cidadania, nossa Rainha de Bateria, jovem nilopolitana, representa justamente a liberdade para todas as expressões que justificam a marginalização dos mesmos. É a esperança de um futuro de compreensão e respeito. Mais que uma fantasia, um manifesto.</p>	Rainha de Bateria	Lorena Raíssa
*	<p>Melodias Envolventes</p> 	<p>Eram dos couros dos tambores e também outros instrumentos, que a batucada sagrada movimentava os corpos pelos guetos das cidades. Corpos renegados e marginalizados eram embalados pelo ritmo das macumbas, sambas, capoeiras e outras inspirações africanas. Sons estes que aqui são simbolicamente tocados pela mais ilustre percussionista da bateria soberana: Neide Tamborim.</p>	Destaque da Bateria	Neide Tamborim

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Vadios e Capoeiras (Bateria)</p> 	<p>A lei dos vadios e capoeiras era um ordenamento legal que previa o encarceramento das classes subalternas e perigosas. Todos aqueles que não pudessem comprovar ocupação profissional, ou estivessem praticando capoeira em espaço público seriam presos por vadiagem.</p> <p>Em um país que não ofereceu aos negros e negras qualquer condição de integração a sociedade no pós-abolição, podemos perceber este dispositivo como uma forma de perpetuação do aprisionamento destes sujeitos, sobretudo pela referência direta a uma manifestação cultural afro-brasileira, impedindo assim a liberdade de expressão destes grupos.</p> <p>O samba hoje é conhecido em todo o mundo como um gênero musical associado a brasilidade, distintivo do que é um país em um certo imaginário construído politicamente; mas cumpre ressaltar que este longo processo histórico foi marcado, em seu início, pela criminalização dos sambistas justamente através deste mecanismo jurídico. O sambista histórico Ismael Silva, foi preso por vadiagem em outubro de 1928, dois meses após ter fundado a primeira escola de samba.</p>	Bateria (1948)	Mestre Plínio e Mestre Rodney

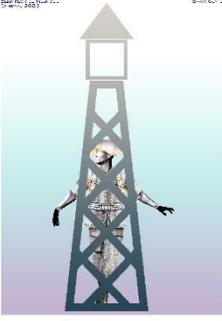
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Vadios e Capoeiras (Bateria) (Continuação)</p> 	<p>A vestimenta dos músicos da nossa bateria é uma releitura inspirada nas indumentárias da época. Pensada como um mecanismo para igualar-se aos mais nobres da sociedade, usando o máximo de referências possíveis para não serem repreendidos. A lógica racista da opressão a partir do reconhecimento da vestimenta perseguiu por muito tempo negros e negras que faziam seus batuques pelas ruas do país.</p>	Bateria (1948)	Mestre Plínio e Mestre Rodney
13	<p>Cota para Branco</p>  	<p>O Brasil promoveu a vinda de imigrantes em uma política de embranquecimento do país. O Estado brasileiro ofereceu aos europeus um lugar, um espaço para produção e condições para que aqui se instalassem, o que pode ser classificado como o primeiro grande sistema de cotas raciais no país. Ao mesmo tempo, negros e negras estavam entregues à própria sorte no pós-abolição, sem qualquer contrapartida ou política pública de integração; enquanto a tutela promovida pela lógica da ação indigenista do Estado também não garantia direitos e autonomia aos povos originários.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Cota para Branco (Continuação)</p> 	<p>A cota para brancos, desagradecidos, foi uma das políticas construídas no alvorecer da República na projeção de um futuro que se desejava. Um país negro que sonhava embranquecer.</p> <p>Um conjunto de estudos e teorias científicas que afirmam a diferença humana baseada na ideia de raça - justificando assim a dominação do homem branco europeu sobre outros povos - ganhou força e legitimidade no cenário intelectual. Neste sentido, países mestiços estavam destinados ao fracasso. Estas teorias racialistas, posteriormente desmentidas pela ciência, causaram um verdadeiro furor e serviram de base para uma série de decisões políticas.</p> <p>Na consolidação do capitalismo brasileiro, o imigrante europeu ocupou prioritariamente os postos do trabalho livre em detrimento da população negra e indígena. O controle sobre esta política viria somente com o governo Vargas através de uma lei em 1930 que obrigou as empresas a ter dois terços de seus funcionários brasileiros, e a lei que, em 1934, limitou, finalmente, a entrada de estrangeiros no país.</p> <p>A fantasia brinca com a forma estereotipada de imigrantes brancos em terras brasileiras. A mala, que traz um rosto de máscara branca, reforça a ideia de uma branquitude que viajou pelos mares para ganhar privilégios via políticas públicas em uma terra que marginaliza seus próprios filhos pela marca indelével da cor.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>"Ameaça Vermelha" - O Fantasma do Comunismo</p> 	<p>Tanto no Estado Novo quanto na Ditadura civil-militar o que se viu foram intervenções arbitrárias que cercearam direitos duramente conquistados para evitar uma ‘ameaça vermelha’ que nunca esteve próxima de se concretizar.</p> <p>Em dois momentos distintos de nossa história, em 1937 e 1964, setores conservadores da sociedade brasileira fizeram do medo o combustível para justificar intervenções autoritárias que romperam com as garantias constitucionais e instituíram regimes de exceção. Não à toa, nos dois momentos, teorias conspiratórias sobre uma ameaça comunista no Brasil ganharam força com o objetivo de criar na população temor e insegurança, cerceando, principalmente, a liberdade de expressão.</p> <p>Mobilizando valores, crenças e ideias construíram uma representação que se disseminou acerca do comunismo e legitimou ações violentas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

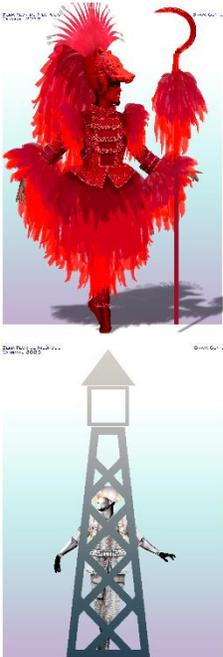
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>"Ameaça Vermelha" - O Fantasma do Comunismo (Continuação)</p> 	<p>O anticomunismo se enraizou graças à ação de órgãos estatais e entidades privadas que o disseminaram com forte apoio e adesão de setores conservadores da sociedade como, por exemplo, a Igreja e os militares. Assim, ainda hoje, em momentos de crise ou instabilidade política institucional, o fantasma de um 'perigo vermelho' é acionado para legitimar medidas autoritárias, excludentes e antidemocráticas. A grande ironia é que a justificativa da implantação destes dois períodos ditatoriais foi uma suposta defesa do regime democrático.</p> <p>A fantasia, vermelha, rompe a estética do setor ao contrastar com a rigidez e joga com o temor de uma assombração que não apenas está na cabeça dos seguidores conservadores, mas também é usada como subterfúgio para justificar o medo. Esvoaçante, a roupa é uma farda militar que traz em sua mão uma foice, símbolo do universo comunista. A cabeça de urso brinca com os símbolos de força imaginários dos países europeus comunistas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p>O Doutrinador</p> 	<p>O destaque performa com a ala o papel de Doutrinador, aquele que comanda o Exército em sua exibição de imposição de medo.</p>	Destaque de Chão	Thiago Avancchi

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>Doutrina da Segurança Nacional</p> 	<p>Em um mundo marcado pelo debate de ideias e a oposição entre dois modelos econômicos e sociais, a América Latina, sob a forte influência e o domínio americano, experimentou diversos regimes autoritários. Neste contexto, a ideia de que era necessário construir uma ‘defesa nacional’ contra inimigos internos do regime foi a base ideológica material para uma série de ações de violência de Estado contra todos e todas que se dispusessem a questionar, denunciar, protestar ou reivindicar direitos.</p> <p>A doutrina de segurança nacional foi parte central de uma estratégia política de controle, repressão e supressão das divergências em um regime de exceção comandado por militares.</p> <p>É dentro desta demonstração de poder da “defesa nacional” que nasce também o ritual do desfile de Sete de Setembro. A ideia de que uma nação independente se dá pela soberania de suas defesas reprimindo o simbolismo da data impedindo assim a própria percepção da população de que independência é sobre a liberdade e autonomia no exercício e usufruto dos direitos de cidadania.</p> <p>Por isso, trazemos aqui os soldados que marcham neste rito que louva “a doutrina de segurança” e ignora os direitos civis. Desfilam com enormes buchas de canhão e se apresentam como se fossem os grandes “heróis da nação”.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

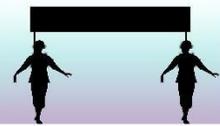
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Símbolos de Poder</p> 	<p>A república fabricou muitos símbolos para chamar de nacionais. Em sua ampla maioria eram ícones ligados ao militarismo, guerra, armas e etc. A águia foi um destes ícones adotados de brasões e insígnias difundidas mundialmente como representação de poder e soberania.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Carla Cachoeira</p>
16	<p>Luta pela Terra</p>  	<p>Indígenas, além de seus saberes ancestrais, tecnologias e formas de vida que desafiam a lógica castradora e uniformizante do Estado nacional, estabelecem uma relação com a terra que não é unicamente econômica; muito pelo contrário: a terra é fonte significativa da sua experiência comunitária. Por esta razão, seus modos de vida tornam-se entraves aos interesses monopolistas dos latifundiários da burguesia agrária. Possuem uma imensa diversidade sociocultural e linguística que insistem em preservar em um cenário de epistemicídio de todos os modos de conhecimento para além do paradigma ocidental judaico-cristão.</p>	<p>Alas Signos Ala Das Borboletas Ala Cabulosos</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>Luta pela Terra</p> 	<p>Em luta pelo seu direito originário desde a invasão colonial, as comunidades, os povos e nações indígenas conquistaram, através de ampla mobilização e organização coletiva, o reconhecimento deste direito. Embora previsto em lei, a luta pela demarcação das terras indígenas segue sendo uma pauta fundamental em um contexto político de avanço do desmatamento, do agronegócio e da captura do Estado por estes interesses comerciais e produtivistas.</p> <p>A Articulação dos Povos Indígenas brada em alto e bom som: NÃO AO MARCO TEMPORAL!</p> <p>Seguindo a lógica construída para este setor, onde as fantasias foram criadas para refletir o movimento, nossos indígenas estão em marcha na busca de seus direitos, apresentam uma indumentária que traz estampas com fotografias de faixas de movimentos reais que aconteceram no Brasil e envolve suas demandas. Ao procurar estilizar uma marcha, a ala também apresenta faixas de protestos.</p>	<p>Alas Signos Ala Das Borboletas Ala Cabulosos</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Enquanto Houver Racismo, Não Haverá Democracia</p> 	<p>Desde a chegada do primeiro cativo em solo brasileiro, negros e negras resistem e lutam pela liberdade plena. De suas formas de organização, das redes de solidariedade e proteção que construíram, das táticas e estratégias formuladas para preservação de suas vidas, evidencia-se o caráter mobilizador, coletivo e produtivo de suas lutas.</p> <p>Em um país edificado sobre a violência da escravidão negra, impõe-se a necessidade da unificação de forças na luta contra a discriminação, a marginalização, a repressão, a exclusão e o abandono.</p> <p>Ainda hoje, 134 anos após a abolição, a desigualdade racial é evidente. Denunciando o mito da democracia racial, a falta de políticas públicas de reparação histórica, a perversa relação entre raça e classe, o extermínio da juventude negra e a permanência de uma cultura escravocrata, o movimento negro brasileiro é uma força material que atua como verdadeiro agente civilizatório nacional.</p> <p>Com inspirações nas indumentárias africanas, a roupa remete às ancestralidades que estão também nas lutas. A fantasia também contém uma estampa com fotos e faixas de manifestações de coletivos negros.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Se a Classe Operária Tudo Produz, a Ela Tudo Pertence</p>  	<p>A organização coletiva dos trabalhadores, sindicatos e centrais sindicais é fundamental para garantir direitos, pela defesa de seus interesses e sua representação. Esta articulação é essencial para o fortalecimento da classe trabalhadora ao construir condições efetivas para almejar, pleitear e conquistar. Representam aqui a busca por trabalho digno, pauta indispensável para o exercício da cidadania.</p> <p>Através de instrumentos legítimos como manifestações públicas, greves e piquetes, o movimento operário no país é exemplo de resistência e de construção de consciência de classe. Hoje, em um cenário de precarização dos direitos trabalhistas - duramente conquistados -, de terceirização e uberização do trabalho, a classe operária segue mobilizada na busca por dignidade e valorização dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros.</p> <p>Nossos componentes desfilam com fantasias livremente inspiradas nos trajes de trabalho de operários, principalmente do setor fabril pela sua relevância histórica na organização coletiva em defesa de melhores condições de trabalho.</p> <p>Se a classe operária tudo produz, a ela tudo pertence.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>A Pressa da Fome</p> 	<p>A sociedade civil organizada é protagonista na denúncia, na mobilização, no enfrentamento e na conscientização em prol da conquista de políticas públicas que promovam a diminuição da pobreza.</p> <p>A miséria, a extrema pobreza e a fome são sintomas do caráter desigual e excludente da formação nacional. Desde a colonização, o modelo econômico e social imposto em nosso território produziu a escassez e a insegurança alimentar. A brutal concentração de terras, o sistema escravista e a prioridade para exportação são algumas das raízes desta mazela.</p> <p>Este gigante de dimensões coloniais, onde a produção de alimentos bate recorde, ano após ano, também é o país onde o flagelo da fome é fato histórico. Uma nação verdadeiramente independente não pode conviver com a fome.</p> <p>Dados do Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil, apontam que mais de 33 milhões de brasileiros não têm garantido o que comer, vivendo em situação de insegurança alimentar.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>A Pressa da Fome (Continuação)</p> 	<p>O combate à fome no Brasil é uma luta histórica pela preservação da própria vida daqueles e daquelas condenadas à carestia. O objetivo primordial é garantir a todos os brasileiros e brasileiras o acesso a alimentação saudável, nutritiva e suficiente.</p> <p>Com figurinos feitos de plástico, pratos e talheres descartáveis, apresentamos uma criação artística para representar a marcha contra a fome. Esse figurino, como os outros que compõem o conjunto do setor, procura vestir o componente de maneira abstrata e lírica através do uso de formas, materiais, texturas e estampas que trazem as pautas que estão nas ruas.</p> <p>Quem tem fome, tem pressa.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>Nem Menos Nem Mais, Direitos Iguais!</p> 	<p>Alvo constante de preconceito e discriminação por conta se suas expressões de gênero e sexualidade, a comunidade LGBTQIA+ se organiza para garantir seus direitos humanos básicos: o direito à vida, a igualdade e a liberdade de ser, plenamente, quem é. Desfilam o seu orgulho enquanto demandam a garantia dos seus direitos.</p> <p>O movimento LGBTQIA+ é um importante ator político do Brasil contemporâneo. O grupo é composto por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis, queer, intersexuais, assexuais e também por outras identidades de gênero ou orientação sexual não compreendidas pelas letras da sigla que está em constante transformação, ampliando sua abrangência de forma inclusiva.</p> <p>Formado por coletivos e grupos organizados que exprimem a existência pública de corpos e desejos contrários às normas-padrão de gênero e de sexualidade, o movimento é um elemento de força para exigir cidadania em um país onde os índices de violência contra esta população seguem crescendo vertiginosamente.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>Nem Menos Nem Mais, Direitos Iguais!</p> 	<p>A fantasia brinca com a extravagância das principais passeatas LGBTQIA+ que vão às ruas no Brasil. Com as cores do arco-íris por todo o figurino, carregam a bandeira que é o principal símbolo do movimento. Além das cores do arco-íris usada pela comunidade desde 1987 que representam a pluralidade, a nova versão da tradicional bandeira passa a incluir as cores trans, intersexo e da luta antirracista.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>A Revolução Será Feminista...</p> 	<p>O movimento feminista evidencia e denuncia a desigualdade de gênero de uma sociedade erguida sobre a lógica machista e patriarcal. Reivindicando a emancipação da mulher, os coletivos e entidades que compõem o movimento organizam manifestações e articulam políticas públicas onde exigem a igualdade política e a participação feminina nos espaços de poder.</p> <p>Ao longo de sua existência, o movimento vem provocando alterações sensíveis e definitivas nas relações sociais e promovendo reflexões profundas acerca de questões tão amplas quanto diversas como planejamento familiar, divisão do trabalho e violência. Graças ao acúmulo de conhecimento e da ação política destas coletividades, as desigualdades de gênero deixaram de ser naturalizadas e são alvo de constante debate e disputa pública por meio da intervenção qualificada e estruturada do ativismo feminista. Embora constituam a maioria da sociedade brasileira, as mulheres seguem sendo sub representadas na política e a equidade é um propósito perseguido para garantia de uma sociedade mais justa.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>A Revolução Será Feminista... (Continuação)</p> 	<p>A fantasia apresenta em profusões de gravatas os dizeres por participação nas estruturas que se construíram a partir da lógica machista. O elemento que adorna os pescoços masculinos - como símbolo de confiança e seriedade - foi o principal item usado nas provocações das marchas feministas mais importantes do movimento. Outro recurso usado na fantasia é o alargamento dos ombros, este recurso da moda também foi usado para assimilar as silhuetas e assim afrontar a lógica da estrutura machista. Os principais movimentos feministas que buscavam seus direitos, eram repletos de instrumentos presentes em diversos símbolos presentes nessas marchas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Um ato dentro do ato. O último setor do desfile apresenta outras possibilidades de Brasil que são imaginadas pela cultura popular em ritos que fazem parte desta grande miscelânea que é a identidade brasileira. Uma ala que apresenta a pluralidade de manifestações culturais e o quanto estas são formas de alimentar a esperança de outros Brasis tanto em diferentes formas quanto em múltiplos sentidos. A reimaginação da bandeira brasileira (nos figurinos, estandartes e outras bandeiras) é uma característica que conceitua esteticamente este grande bloco, pois trata-se de um exercício de reinvenção e ressignificação através da arte.</p> <p>As culturas populares exacerbam uma perspectiva de futuro ao valorizar outros modos de existir e praticar o saber. Este grande bloco que desfila exprime a nossa maior riqueza: a brasilidade, um conjunto de gestos e afetos, sonoridades e materialidades, expectativas, crenças, sonhos e sentidos que são o resultado do acúmulo histórico de conhecimento das camadas populares.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Ao se contrapor a uma história nacional produzida através de uma narrativa única, sem espaço para dissidências ou contestações e promovendo apagamentos e silenciamentos, fomentamos a diversidade como fundamento de um país efetivamente independente que ainda iremos erguer. É através da fé e da festa, na artimanha e na mandinga, crendo no invisível, que nós, condenados à exclusão neste Estado nacional, fazemos da esperança um verbo de luta e ação. Um Brasil plural, versado em múltiplas gramáticas, cujas sementes que hão de germinar são produtos do seu povo.</p> <p>Este grande bloco de outros Brasis possíveis inicia-se e finaliza com uma clara representação da escola de samba. Afinal, como disse Joãozinho Trinta: <i>“No nosso caso nós sabemos fazer Carnaval. É nosso ofício. Que seja através dele, então, que a gente proteste. Esperamos, assim, contribuir para o despertar do gigante que somos nós mesmos.”</i> O Brasil que queremos ver está em bandeiras idealizadas por artistas plásticos do país inteiro, principalmente negros e indígenas. Existe aqui a presença de alguns destaques, reproduzindo papéis desempenhados nos ritos da cultura popular.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Os batuques de tambor são louvores de esperança. Diversas celebrações e festividades de matriz afro-brasileira têm presença marcante no calendário, no espaço público e no imaginário nacional. As religiosidades são elementos centrais de sociabilidade e da resistência negra onde música, canto, dança, filosofia e lazer se misturam de forma muito particular e distinta. São culturas de diáspora, forjadas na experiência histórica como resistência e reinvenção da vida na adversidade e no precário. A Festa de Iemanjá manifesta o agradecimento a esta divindade, relacionada a fertilidade e a continuidade da vida, pela boa sorte e prosperidade que seus fiéis atribuem à sua ação. O bembé do mercado, um candomblé de rua que celebra a abolição, carrega o sentido próprio da liberdade construído pelo povo negro.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Ainda no campo da fé, o catolicismo popular é um imenso manancial de riquezas. Produto da interação das comunidades indígenas e afro-brasileiras com a liturgia católica, as práticas católicas das camadas populares gestaram formas originais de apreensão e manifestação da religiosidade. Entre rezas, cantos, ladainhas, procissões, novenas, festas, rosários e outras práticas devocionais, destaca-se a forma inventiva e criativa que os brasileiros e brasileiras se apropriaram do repertório cristão. Como a Festa da Pitomba, em Jaboatão dos Guararapes, homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres pois, segundo a tradição, a santa fez uma aparição na guerra contra os holandeses, protegendo, fortalecendo e guiando os brasileiros até a vitória. O Círio de Nazaré, por sua vez, é uma majestosa e fervorosa demonstração de fé que milhões de brasileiros promovem para agradecer por graças concedidas ou para pedir o intermédio da santa. As festividades são importantes pois propiciam um espaço de compartilhamento, troca, conagraçamento e união que reforça identidades e os laços comunitários. Nas festas há uma suspensão do tempo ordinário da vida social e através deste mecanismo de ritualização, descortina-se um espaço encantado para além da rotina que, ao permitir a manifestação da alegria, caracteriza-se como força propulsora do fortalecimento coletivo.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>As Congadas e o maracatu são manifestações culturais e religiosas festivas que reconstruem o evento de coroação dos reis do Congo e Angola. Folguedos populares que denotam uma forma de pertencimento e sociabilidade comunitária. Em sua performance, evocam a memória ancestral e ressignificam sua própria história. O tambor de crioula propicia o exercício dos vínculos de pertencimento e a reiteração dos valores culturais que o sustentam. Praticado, especialmente, em louvor a São Benedito, é tanto uma prática devocional quanto uma forma de divertimento e lazer. É uma tradição que mantém o princípio dinâmico do movimento, sendo um importante referencial de identidade e resistência cultural dos negros maranhenses.</p> <p>Da cultura amazônica retratamos um ritual indígena praticado na região do Alto Rio Negro. O dabacuri é uma cerimônia festiva que promove a união entre diferentes povos e que celebra a fartura. É uma grande festa, onde se desenvolvem alianças políticas e sociais enquanto se comemora com música, dança, comida e bebida. Além da troca constante de conhecimentos, o dabacuri é importante pois promove a solidariedade e a fraternidade entre diferentes povos.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>O Bumba meu boi do Maranhão é um complexo cultural que engloba tanto manifestações artísticas e performances dramáticas quanto a confecção de elementos materiais que constituem esta celebração múltipla. Articulado várias formas de expressão e saberes em um amplo ciclo festivo, o Bumba meu boi maranhense extrapola os aspectos lúdicos em uma festividade sobre a ressurreição. O Boi Bumbá Amazônida, por sua vez, reúne influências tradicionais de diversas etnias, sobretudo elementos das culturas afro-brasileira e indígena, configurando um dos principais eventos da cultura popular brasileira.</p> <p>A ala se apresenta como única, mesmo com tantas manifestações em sua composição, para dar sentido de união e marcha como se fossemos um só. Ainda que um único corpo errante exista, em cada expressão (e dentro de cada expressão um indivíduo) que busca em diferentes sentidos a sonhada Independência.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Poetas das Multidões</p> 	<p>A ala dos compositores encerra este desfile como representantes de artistas populares que utilizam a cultura como motor de difusão de seus sonhos, anseios, desejos e esperanças de justiça e liberdade para as multidões.</p>	<p>Ala dos Compositores (1948)</p>	<p>Kirraizinho</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Zona Portuária	
Diretor Responsável pelo Atelier Fabio Santos, Rodrigo Pacheco, Lenine Pessoa e Dudu Azevedo	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Ademilde Silvinho – Nequinha	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Adrecista Chefe de Equipe Fabio Santos e Rodrigo Pacheco	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco “Zé Sapateiro”
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Valéria, Simone Santana, Michele, - Responsáveis pelo Ateliê de Fantasia	
Beth, Ricardo e Ana, Cleiton	
Fabyinho Santos	- Responsáveis pelo Ateliê de Fantasia de Luxo
Edmilson Lima	- Responsável pela confecção do 1º Casal de MS/PB
Cleilton	- Responsáveis pela confecção do 2º, 3º e 4º Casais de MS/PB
Outras informações julgadas necessárias	
* Na última ala, existe a presença de destaques que retratam papéis desempenhados nos ritos da cultura popular.	
Trazemos aqui um espaço para apresentar de maneira mais direta - não subjetiva - alguns dos conceitos que envolvem a criação do conjunto de fantasia para o carnaval 2023.	
O desfile da Beija-Flor propõe uma provocação à comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, comemorados oficialmente em sete de setembro de 2022. Além da data, provocamos as heranças físicas e simbólicas desta construção de narrativa, entre elas, a mais proeminente de todas: o desfile militar do sete de setembro, o maior ritual que envolve a data oficial.	
Para esta provocação, o desfile se propõe a ser o avesso da parada militar, logo, um desfile cívico (construído por civis) que tenha muito mais a ver com o povo brasileiro e incorporando, principalmente, dois símbolos desta brasilidade: o desfile da independência da Bahia, que louvamos como o melhor exemplo do que poderia ser nossa comemoração da emancipação; e o próprio desfile de escola de samba como um desfile de civis e também como ato político. Ambos oferecem um valor muito importante: a ampla participação popular.	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Outras informações julgadas necessárias

Por considerar nosso desfile um ato cívico popular que provoca a história, simbolicamente, assim construímos o conceito do conjunto de fantasias:

*Primeira Parte

Assim que o desfile se inicia, após o pede passagem, temos dois grupos de fantasias que se apresentam na abertura:

1- Os personagens do quadro (Abre-Alas) que representam as figuras retratadas na tela Independência ou Morte de Pedro Américo. Para texturizar nossa provocação, os figurinos passaram por beneficiamentos têxteis entre tingimentos para envelhecimento, pintura de arte e outras técnicas. Este trabalho visa apresentar essas roupas com o aspecto de mofo. O mofo é aquilo que está velho, úmido, onde o tempo passou, que é como vemos não apenas esta obra, mas todos os significados que ela evoca e também todas as heranças que ela simboliza.

2- O povo aqui é representado de forma dourada, tanto na ação do quadro, quanto na performance da ala 01, essa população retratada por diferentes tipos de brasileiros é vangloriada por nós, são nossos verdadeiros monumentos. O resumo do que é a luta do Dois de Julho e seus atores está na provocação que fazemos ao tentar derrubar a história oficial do Brasil.

*Segunda Parte

O setor das grandes lutas por liberdade e independência que se apresentam no setor seguinte mantém o sentido do uso do ouro como forma de valorizar esses agentes que por muitas vezes são esquecidos na história. Por muito tempo a prática do ensino trata estas lutas como movimentos localizados, rebeliões locais, e não entregam a elas seus grandes valores como questões de importância nacional. Por tratá-las desta maneira, nunca as entendemos com a relevância de quem pressiona e conquista aos poucos as independências através de suas pautas. Tratá-las com ouro, joia e tamanho de glória é reparar a maneira como o tempo e a escrita da história oficial os tratou, reconstruindo a imagem dos verdadeiros heróis deste país.

*Terceira Parte

O terceiro setor que trata a República reflete o caráter militar que ganhou os poderes do país após a virada de modelo político. Ao criar seus símbolos, como a bandeira, o Brasil se revela uma nação que comanda e vigia em prol da ordem e do progresso, as cores de prata e chumbo se sobressaem, assim como os tons de verde que pincelam o setor. Essas para ligar diretamente a ideia do militar, da força, frieza e dureza. Um fator importante do setor são as fantasias de panópticos, elas foram pensadas para trazer a sensação de que o setor inteiro está vigiando ou procurando algo, uma eterna prisão ou sensação de perseguição.

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Outras informações julgadas necessárias

***Quarta parte**

O setor dos movimentos civilizatórios, ou movimentos sociais retrata uma marcha/manifestação. Os figurinos foram pensados a partir de fatores como: mobilidade e facilidade de vestimenta, para permitir uma veracidade gestual dessas práticas democráticas. Logo os figurinos permitem, antes de tudo, o movimento das pernas e braços, com cabeças leves. Também foram pensadas que as fantasias retratassem também as pautas. Em todos os figurinos do setor, foram usadas estampas nas malhas que trazem imagens de faixas reais das grandes manifestações do mesmo caráter que a fantasia representa, pensamos assim que além da mão, com seus adereços, e das faixas em si, está no corpo do componente esta ligação com a pauta.

Como o desfile deste ano tem sentidos que evocam a característica provocadora da Beija-Flor de Nilópolis, temos no primeiro setor a subversão (quem era luxo, virou mofo -lixo- e quem era esquecido virou luxo - ouro-) este quarto setor do desfile homenageia o desfile de 1990 “Todo Mundo Nasceu Nu”, do carnavalesco Joãozinho 30, que em um dos seus setores trazia faixas de protestos representando uma grande manifestação de civis. a releitura traz uma ideia carnavalizada de uma manifestação com figurinos adequados a ela. No ano de 1990 o caráter era de denúncia, já aqui traz muito o sentido de afronta e requerimento.

***Quinta Parte**

Não fazia sentido em um desfile que exalta a coletividade, que deixássemos de demonstrar em fatos a união e a mistura dos muitos corpos e ideias. O último setor revela a compreensão da cultura popular e suas manifestações (seja em cortejos, ritos e procissões) como aspirações de outros Brasis, ou seja, outras realidades, sonhadas, imaginadas e almejadas através de múltiplas celebrações..

Apresentamos um setor que é composto por uma única ala que abriga essa pluralidade de manifestação, é como se no ato de sonhar um Brasil melhor, todos andassem juntos em cortejo pela Sapucaí. Um ato dentro do grande ato.

As fantasias, inspiradas nos figurinos reais, fabulam em suas muitas estampas várias formas e cores diferentes inspiradas na bandeira do Brasil, a recriação e apropriação do símbolo, além de conter ilustrações de personagens que lutaram e/ou lutam por um país mais justo. É o cortejo popular elegendo também os seus heróis e heroínas, além de recriar seu próprio país em seus atos. Estão homenageados: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Zumbi, Dandara, Ailton Krenak, Cacique Raoni, Davi Kopenawa, Sonia Guajajara, Dorothy Stang, Maria Firmina e muitos outros.

São muitas as camadas de sentido, valores e conceitos que carregam este setor, mas uma delas é muito especial: as bandeiras. Esses muitos Brasis repensados a partir da cultura, tem também suas próprias bandeiras, por isso, em parceria da curadora Lorraine Mendes que desenvolve um trabalho sobre as muitas bandeiras recriadas no campo da arte, trazemos algumas dessas pensadas por artistas negros e indígenas.

O final do desfile compreende a cultura popular como uma grande ferramenta na busca pela independência, através do cultivo de utopias, da potência da pluralidade e da intenção clara e manifesta de construir um país melhor, mantemos acesa a esperança do amanhã que iremos erguer.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Léo do Piso, Beto Nega, Manolo, Diego Oliveira, Júlio Assis e Diogo Rosa		
Presidente da Ala dos Compositores		
Kirraizinho		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
45 (quarenta e cinco)	Pereirão (81 Anos)	Kirraizinho (33 Anos)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>A revolução começa agora Onde o povo fez história E a escola não contou Marco dos heróis e heroínas Das batalhas genuínas Do desquite do invasor Naquele dois de julho, o sol do triunfar E os filhos desse chão a guerrear O sangue do orgulho retinto e servil Avermelhava as terras do Brasil</p> <p>Ê! Vim cobrar igualdade, quero liberdade de expressão É a rua pela vida, é a vida do irmão Baixada em ato de rebelião</p> <p>Desfila o chumbo da autocracia A demagogia em setembro a marchar Aos “renegados” barriga vazia Progresso agracia quem tem pra bancar Ordem é o mito do descaso Que desconheço desde os tempos de Cabral A lida, um canto, o direito Por aqui o preconceito tem conceito estrutural Pela mátria soberana, eis o povo no poder São Marias e Joanas, os Brasis que eu quero ter</p> <p>Deixa Nilópolis cantar! Pela nossa independência, por cultura popular</p> <p>Ô abram alas ao cordão dos excluídos Que vão à luta e matam seus dragões Além dos carnavais, o samba é que me faz Subversivo Beija-flor das multidões</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre o Samba de Enredo

**A REVOLUÇÃO COMEÇA AGORA
ONDE O POVO FEZ HISTÓRIA
E A ESCOLA NÃO CONTOU
MARCO DOS HERÓIS E HEROÍNAS
DAS BATALHAS GENUÍNAS
DO DESQUITE DO INVASOR**

O Carnaval congraça, convoca, une o povo em uma só voz. Somos a revolução, o pertencimento, à luta por nossa real história não contada por centenas de anos. A escola de Samba escreve as páginas “em branco” do livro dos heróis que nos deram a tão sonhada liberdade, a separação do colonizador e triunfal vitória em solo baiano.

**NAQUELE DOIS DE JULHO O SOL DO TRIUNFAR
E OS FILHOS DESSE CHÃO A GUERREAR
O SANGUE DO ORGULHO, RETINTO E SERVIL
AVERMELHAVA AS TERRAS DO BRASIL**

A data da verdadeira independência do Brasil. A guerra dos verdadeiros filhos da pátria mestiça, cabocla, retinta. O suor que abrasileirou nossas terras, que arrebentou correntes, que assinou com sangue a nossa real identidade, mas muita luta ainda estava por vir...

**Ê VIM COBRAR IGUALDADE
QUERO LIBERDADE DE EXPRESSÃO
É RUA PELA VIDA, É A VIDA DO IRMÃO
BAIXADA EM ATO DE REBELIÃO**

Ao longo de todos os anos de existência, nossa gente busca por seus direitos, quer o seu lugar de fala, corre atrás de igualdade, chora a dor de um irmão, de uma mãe... toma as ruas em forma de protesto, se rebela contra a força bruta que nos assola nesses quinhentos e vinte e três anos de racismo, intolerância e apagamento. O Quilombo da baixada, baixa o decreto, veste a sua gente... é tempo de cobrança, de dar um basta. É rebelião em causa própria.

**DESFILE O CHUMBO DA AUTOCRACIA
A DEMAGOGIA EM SETEMBRO A MARCHAR
E AOS RENEGADOS BARRIGA VAZIA
PROGRESSO AGRACIA QUEM TEM PRA BANCAR**

Um teatro desfila em sete de setembro de todos os anos. A força bélica de um País que maltrata os seus, o retrato fiel do desgoverno que prefere ver seu patrimônio em chumbo ao invés de matar a fome dos seus filhos, ao invés de reconhecer que nos tornamos livres do invasor no dia dois de julho de mil oitocentos e vinte e três. A “parada” que exclui o povo, não representa a nossa luta genuína. A ordem nos é imposta e o progresso só chega para a elite.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**ORDEM É O MITO DO DESCASO
QUE DESCONHEÇO DESDE OS TEMPOS DE CABRAL
A LIDA, UM CANTO, O DIREITO
POR AQUI O PRECONCEITO TEM CONCEITO ESTRUTURAL**

Quantos “mitos” foram venerados ao longo de todos os anos, nesse Brasil que propaga a mentira, que o verdadeiro povo desconhece, que não nos representa. Enquanto criamos heróis fakes, continuamos firmes nas estatísticas mundiais de desemprego, de miséria, sem o direito escrito por nossas próprias lutas na constituição. Fomos forçados e estruturados a aceitar quem manda, quem pode, mas obedecer não é para quem tem juízo, revolucionar sim é a forma de mudar um País que não reconhece seu próprio rosto.

**PELA MÁTRIA SOBERANA
EIS O POVO NO PODER
SÃO MARIAS E JOANAS OS BRASIS QUE EU QUERO TER
DEIXA NILÓPOLIS CANTAR
PELA NOSSA INDEPENDÊNCIA
POR CULTURA POPULAR**

Na Terra que pariu o povo mais miscigenado do Planeta, quem nos carrega em ventre soberano, jamais teve sua voz ecoada. São Marias, Joanas e muitas outras que tiveram suas histórias negligenciadas pelo simples fato de serem mulheres. A “mordaca social” tenta calar mulheres, índios, pretos e diversas outras minorias que se encontram na voz de uma só cidade. Nilópolis canta por todos, cobra a independência verdadeira, naquele dois de julho. Do povo, para o povo. Pois quem sempre cobrou através da Rua fomos nós, pois quem construiu os pilares da Escola foi o próprio e não existe identificação em um País sem cultura Popular e nós somos a maior manifestação cultural do mundo.

**Ô ABRAM ALAS AO CORDÃO DOS EXCLUÍDOS
QUE VÃO À LUTA E MATAM SEUS DRAGÕES
ALÉM DOS CARNAVAIS O SAMBA É QUE ME FAZ
SUBVERSIVO BEIJA FLOR DAS MULTIDÕES**

O Brado dos excluídos nasceu por vozes e inspiração de pessoas humildes, que tem no samba a vocação do protesto, que levam o dom como atitude. A altivez da Beija flor de Nilópolis vem do Povo. A cobrança por um Brasil plural nos tornou reconhecidos, imponentes e dignos da representatividade que temos. É responsabilidade nossa elevar o tom do discurso, tomar a rua e gritar em praça pública que já não nos cabe mais aceitar tudo o que vivenciamos sem luta. Enfim teremos a apoteose dos subversivos, emoldurado pelo azul e branco os renegados farão seu protesto triunfal por justiça e igualdade em busca do sol do triunfar!

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestres Rodney José Ferreira e Plínio de Morais				
Outros Diretores de Bateria Anderson Miranda “Kombi”, Adelino Vieira “Saú do Gaz”, Diego, Thiago, Michel, Laísa Lima, Xunei, Marlon, Rogério Monteiro Félix “Pó de Mico”, Alexander Orelha, Jonny Alves e Zé Carlos				
Total de Componentes da Bateria 254 (duzentos e cinquenta e quatro) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 10	2ª Marcação 10	3ª Marcação 14	Reco-Reco -	Ganzá 01
Caixa 110	Tarol -	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 30
Prato -	Agogô -	Cuica 13	Pandeiro -	Chocalho 30
Outras informações julgadas necessárias				
<p>É praticamente impossível dar a verdadeira dimensão da importância da Bateria para a vivência de uma escola de samba, não somente no dia do desfile, mas também no cotidiano das agremiações. Responsável por ditar o ritmo que vai embalar o samba e todos os componentes da escola, as baterias são verdadeiras orquestras rítmicas, que tocam a céu aberto sem controle de som, espaço, ou acústica. São mais de 200 músicos que fazem um espetáculo único e preciso, alcançando excelência e coordenação através de muita prática, ensaios e dedicação. Sendo os primeiros a chegar e os últimos a sair nos eventos, os ritmistas são verdadeiros artistas que prestam sua devoção para suas escolas, para que o show possa acontecer.</p> <p>Dentro do meio das baterias das escolas de samba, é essencial falar sobre a importância e o impacto da bateria da Beija-Flor de Nilópolis. O apelido de Soberana, também em homenagem à alcunha da própria escola, dá dimensão da entrega e da dedicação de seus ritmistas, diretores e mestres ao longo do tempo. Esta entrega e dedicação foram fundamentais para a bateria alcançar o patamar de excelência que atualmente ocupa, não só em termos de notas, mas também de premiações pelos mais diversos veículos que cobrem o carnaval, incluindo o Estandarte de Ouro no ano de 2016. Além disso, vale destacar o impacto de seus ritmistas por todo o mundo do samba.</p> <p>Há 13 anos a bateria da Beija-Flor é comandada pela dupla de mestres Plínio e Rodney.</p> <p>Plínio de Morais, comumente referenciado como Mestre Plínio, é mais um dos símbolos encarnados do que é pertencer, ser e construir a família nilopolitana. Advindo do bloco Mocidade do São Mateus, de São João de Meriti, começou sua trajetória como ritmista desde muito cedo, aos treze anos de idade, tocando surdo de terceira, ou como se chamava à época, surdo de contratempo. Em uma competição de blocos, a Mocidade foi campeã e o desempenho de cinco ritmistas chamou a atenção do então presidente Anísio, que convidou os percussionistas para integrar a bateria da Beija-Flor. Entre os cinco selecionados, estava Mestre Plínio.</p>				

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Desde então, mestre Plínio compõe a escola de Nilópolis, tendo desfilado em algumas oportunidades no GRES Em Cima da Hora. Diretor desde 1993, com o Mestre Odilon, tornou-se mestre em 1997, dividindo o cargo com Paulinho de 1998 a 2009, e com Rodney desde então. Plínio se orgulha de ter participado de todos os títulos da Beija-Flor, e é hoje, junto a Neguinho da Beija-Flor, o maior vencedor vivo do carnaval carioca, com participação nos 14 títulos da escola, sendo que em 9 como mestre da agremiação. Símbolo das baterias, do carnaval e principalmente, da família Beija-Flor, Plínio é figura indispensável para compreender os rumos do carnaval brasileiro.

Rodney José Ferreira, que tem nome de sambista e bamba, começou muito cedo a se envolver com o mundo do ritmo. Ainda que não seja flamenguista, começou sua trajetória numa torcida do Flamengo, a Fla Méier. À época, os projetos de oficinas não eram consolidados, e foi a forma que ele encontrou para aos 8 anos de idade começar a aprender a tocar. Depois começou a tocar no bloco carnavalesco Labareda do Méier, lar de diversos nomes do carnaval como por exemplo o intérprete Luizito. De lá, conseguiu sua primeira experiência numa escola de samba na SRES Lins Imperial, aos 15 anos de idade. De lá, seguiu para a Caprichosos de Pilares, onde depois de pouco tempo passou também a integrar o grupo show da escola, o CapriShow.

A partir daí, sua trajetória começou a tomar contornos de ainda maior liderança, ao se tornar o braço direito do mestre Paulinho Botelho, com quem trabalhou na Unidos do Viradouro e na Portela, antes de rumarem para Nilópolis. Mestre Rodney esteve presente em todos os títulos da escola desde 1998, trabalhando ao lado dos mestres Plínio e Paulinho, antes de assumir o comando junto a Plínio no ano de 2010. Juntos, implementaram um ritmo inconfundível, com a marca registrada das frigideiras e do repique mor, características que se destacam na bateria da agremiação, além do swing dos surdos de terceira e das caixas muito bem executadas. Primeiro a chegar na avenida para os desfiles e último da bateria a sair, mestre Rodney é marca registrada de dedicação e serviço à Beija-Flor de Nilópolis, e um dos grandes mestres da história do Carnaval.

Um dos grandes orgulhos de ambos os mestres está na coordenação em conjunto do projeto de formação de ritmistas, que ocorre aos sábados. Na verdadeira dinâmica de família, vêm nisso não só a necessidade mas a responsabilidade de comandar a renovação da escola, plantando frutos que servirão não somente à escola, mas também a todo o carnaval. Confiantes no trabalho de seus diretores, jovens que também os ajudam a consolidar a marca da Soberana no carnaval, os mestres Plínio e Rodney comandam a bateria com a certeza de bons trabalhos no presente, e com uma preocupação incondicional com o futuro da agremiação.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Rainha de Bateria: Lorena Raíssa

“A nobreza da corte é de ébano”. Estreando à frente da bateria Soberana, Lorena Raíssa é mais uma estrela da grande constelação Beija-Flor.

Herdeira de uma longa linhagem de Rainhas da Comunidade alimentada pela escola, Lorena conquistou seu lugar em um disputado concurso promovido para valorizar as pratos da casa e dar continuidade ao legado de Sônia Capeta, Neide Tamborim e Raíssa de Oliveira. Esbanjando carisma, talento e simpatia, a nossa majestade arrebatou corações e foi aclamada pela diretoria, pelos segmentos e pela apaixonada torcida.

Cria da comunidade, Lorena nasceu enquanto a mãe, Aline Souza, voltava de um ensaio técnico na Sapucaí em 2007, ano do histórico “Áfricas: Do Berço Real à Corte Brasileira”. O ônibus que voltaria a Nilópolis precisou mudar de trajeto até a maternidade e assim veio ao mundo a futura rainha. Nasceu e cresceu em berço nilopolitano, filha de passista e neta de compositor. É uma representante do trabalho social realizado pela escola através do Instituto Beija-Flor e participante ativa da nossa comissão jovem antirracista.

Aos dezesseis anos de idade, a jovem tem a missão de representar a tradição de samba no pé e graciosidade cultivada na ala de passistas que ela integra desde 2013. Apesar de jovem, seus dotes artísticos a fizeram notável desde muito cedo, sendo, já a alguns anos, uma das principais atrações nas apresentações da agremiação.

Vida longa à Rainha Lorena.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Simone Sant’Ana e Valber Frutuoso

Outros Diretores de Harmonia

Fabio, Ibson, Michel, Edson, Valtemir, Rosana, Beto, Janete, Catia, Patricia, Osvaldo, Marcelo, Pedro, Amaury, Baixinho, Bruno, Rosangela, Ritinha, Rodrigo, Leandro, Sergio, Edu, Roberta, Arineia, Magal, Fernanda, Bruno, Márcia, Assis, Patricia, Luciana, Alexandre, João, Marcão, Jucemar, Renata, Marcelo Caxias, Emerson, Kaylane, Shirleise, Alessandra, Vanderson, Juçan, Jorge André, Silvia, Luizinho Cabuloso, Marisa, Airton, Sheila, Luizinho, Jorgina e Arleno

Total de Componentes da Direção de Harmonia

75 (setenta e cinco) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete Oficial – Neguinho da Beija-Flor

Cantores do Carro de Som – Jéssica Martin, Ludmilla, Gilson Bacana, Igor Pitta, William Santos, Ronaldo Junior, Nego Lindo e Lucas Gringo

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Betinho Santos – Diretor Musical / Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Júlio Cesar Assis – Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Jonathan Lima – Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Alan Vinícius – Violão Sete Cordas / Harmonia de Cordas

Outras informações julgadas necessárias

Os diretores e as diretoras de Harmonia são aqueles e aquelas que incentivam os componentes a evoluírem, em canto e dança. Além de estimular os brincantes, cabe também ao segmento a responsabilidade de acompanhar as apresentações dos outros setores da escola, organizando, dirigindo e conduzindo as exposições para o corpo de jurados e o público. Compete a Harmonia o papel de gerir, organizar, fiscalizar, fazer com que o desfile se realize através da evolução linear dos desfilantes e dos elementos cenográficos. No cortejo, sua função é garantir o perfeito desempenho dos componentes durante a exposição. De forma geral, os diretores de Harmonia são aqueles responsáveis por fazer com que a escola aconteça plenamente em uma dinâmica articulada com a Direção de Carnaval. Peças fundamentais e indispensáveis.

A Beija-Flor de Nilópolis construiu uma sólida tradição no segmento por meio de apresentações memoráveis na avenida, sobretudo pela força do canto e da evolução dos seus componentes. O chão da escola é conhecido pela sua vibração e entrega. A manutenção e o fortalecimento desta característica são resultados de um trabalho amplo, conduzido de forma primorosa pela Harmonia dirigida por Simone Santana e Valber Frutuoso.

A história da vida de Simone está intimamente ligada à Beija-Flor de Nilópolis. Foi na escola que a diretora construiu sua família e se desenvolveu enquanto liderança. Na agremiação desde 1995, foi desfilante, líder de comunidade, aderecista e chegou até a se apresentar como Porta-Bandeira em algumas apresentações externas. No segmento Harmonia, sua caminhada teve início com um convite de Laíla. O convívio fez o mestre perceber a qualidade do trabalho de Simone que foi acumulando responsabilidades e se destacando. A dedicação, a capacidade, a liderança e o empenho foram reconhecidos no ano de 2019, quando recebeu o convite para ser Diretora Geral da Harmonia, em parceria com Valber Frutuoso. Única mulher a exercer o cargo no Grupo Especial, Simone é querida e respeitada na escola por sua história e pela maneira correta e objetiva com que conduz o trabalho.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Valber Frutuoso é de uma família de sambistas. Filho de um dos fundadores do Cacique de Ramos, iniciou sua trajetória como passista. Ainda jovem, na Acadêmicos do Grande Rio, ingressa no segmento Harmonia com Laíla como diretor. Assim como Simone, chegou a Beija-Flor no ano de 1995. Convidado pelo mestre, Valber acumula mais de vinte anos de experiência na agremiação, sendo figura importante do período mais vitorioso da história da escola. Em sua trajetória carnavalesca, teve uma breve passagem pela Unidos da Ponte e uma exitosa jornada pela União da Ilha como Diretor Geral, levando a escola de volta ao sábado das campeãs no carnaval de 2014, até assumir, em 2018, o cargo na Soberana. Exímio conhecedor do carnaval carioca, domina os saberes e práticas necessários para o exercício do ofício e constitui com Simone uma dupla afinada no objetivo de levar a escola à vitória.

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Luiz Antônio Feliciano Marcondes acrescentou ao seu nome de batismo o nome artístico que o consagrou: Neguinho da Beija-Flor. O cantor e compositor é um grande expoente desta agremiação que teve no seu talento um dos pilares de sua consolidação. Neguinho é patrimônio da Beija-Flor de Nilópolis e do carnaval carioca. Sua voz inconfundível é uma marca indelével que ajudou a construir a história gloriosa da azul e branco.

Filho de músico, a arte se fez presente desde a infância. Sua estreia como puxador de samba se deu no então bloco Leão de Iguçu. Foi o compositor Cabana, a pedido do patrono Anísio Abraão David, quem fez o convite para que ele assumisse o posto onde faria história na cultura brasileira tanto pelo sucesso quanto pela longevidade. Hoje, quase cinquenta anos depois, o cantor é a voz mais conhecida e um dos principais artistas – senão o principal – do maior espetáculo da terra.

Vencedor de cinco Estandartes de Ouro do jornal O Globo, também foi agraciado com um Prêmio SRZD e duas Estrelas do Carnaval, concedidas pelo site Carnavalesco. Além disso, é um dos maiores vencedores do prêmio Tamborim de Ouro, do jornal O Dia, onde conquistou por seis vezes a distinção de A Voz da Avenida, uma vez como Personalidade e a justa deferência como Intérprete da década recebida em 2007.

Para além do carnaval, construiu uma sólida e bem-sucedida carreira como cantor, com trinta e seis discos gravados ao longo de uma trajetória que coleciona sucessos e o fez excursionar o mundo para exibir sua arte, arregimentando uma legião de fãs. No ano de 1991, conquistou o Prêmio Sharp de melhor cantor de samba, reconhecido pelo público e pela crítica.

A Beija-Flor se orgulha e envaidece de ter um dos maiores nomes do samba e da música popular brasileira como seu intérprete. Neguinho é a nossa voz, nossa imagem e a nossa história viva, honra e glória desta agremiação.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Dudu Azevedo

Outros Diretores de Evolução

Alexandre Jiló, Angela, Raphael Reis, Sardinha, Choio, Russo, Siri, Matheus, Fofão, Thiago Jogador, Bahia, Marquinhos, Loloka, Pará, Washington, Junior Dario, Claudinho, Choque, Fumaça, Wesley, Lucas, Bodão, Edvaldo, Marcelo, Piriquito, Vinicius, Cavallo, Cleiton, Marcelinho, Creck, Luiz, Chacal, Diogo E Thiago Jovem.

Total de Componentes da Direção de Evolução

32 (trinta e dois) componentes

Principais Passistas Femininos

Lorena Raíssa (Rainha de Bateria), Raíssa Oliveira, Charlene Costa, Flávia Custódio, Carla Cachoeira, Aieny Mendes de Araújo Nogueira, Steffany Sant'Ana dos Santos, Lorryne Lopes, Lysana Andreza, Elisa Oliveira, Thais Ferreira, Thaís Machado, Gilcimara Vianna, Ana Clara Gouvea, Angélica Rodrigues, Sabrina Coradini, Brenda Scally e Stefanie Vitória

Principais Passistas Masculinos

Cassio Dias, Evton Ramos, Eduardo Monteiro, Melck Peixoto, Yuri Araújo de Freitas, João Ricardo Salvador, Mario Jr, Marcos lemos, Diogo Edson

Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval		
-		
Diretor Geral de Carnaval		
Dudu Azevedo		
Outros Diretores de Carnaval		
-		
Responsável pela Ala das Crianças		
Anderson		
Total de Componentes da Ala das Crianças	Quantidade de Meninas	Quantidade de Meninos
40 (quarenta)	20 (vinte)	20 (vinte)
Responsável pela Ala das Baianas		
Lúcia Alves Boiça		
Total de Componentes da Ala das Baianas	Baiana mais Idosa (Nome e Idade)	Baiana mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Ananizia Rocha dos Santos (86 anos)	Patrícia Correa de Mello (39 anos)
Responsável pela Velha-Guarda		
Débora Rosa Santos Cruz		
Total de Componentes da Velha-Guarda	Componente mais Idoso (Nome e Idade)	Componente mais Jovem (Nome e Idade)
50 (cinquenta)	Martha de Souza Costa (97 anos)	Sueli Martins de Souza (68 anos)
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
AD Junior (influenciador), Ana Flávia Magalhães (Historiadora e Diretora Geral do Arquivo Nacional), Anielle Franco (Ministra da Igualdade Racial), Babu Santana (ator), Conceição Evaristo (escritora), Jurema Werneck (Diretora-Executiva da Anistia Internacional), Lilia Schwarcz (historiadora), Raul Santiago (produtor cultural) e Ivone Lotsove (mãe de Moise Kabagambe).		
Outras informações julgadas necessárias		
<u>Diretor de Carnaval: Dudu Azevedo</u>		
Presente no samba desde a infância, Dudu teve seus maiores exemplos em casa. Os pais se conheceram no carnaval, como lideranças de diferentes blocos e a folia sempre esteve presente na rotina da família Azevedo. Seu pai, José Luiz Azevedo, foi, entre outros cargos e funções, Diretor da RIOTUR e Diretor de Carnaval do Acadêmicos de Santa Cruz e da Mocidade Independente de Padre Miguel.		
Em sua trajetória, Dudu integrou, inicialmente como ritmista e após como Coordenador, o Grupo Rio Samba Show com participações em várias cidades do país e no exterior, com destaque para um longo período de estadia no Japão, passando por Kobe, Shiga, Osaka e Tokyo. Também participou de diversos eventos no Terreirão do Samba, como Concursos de Rei Momo e Rainha do Carnaval.		

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Outras informações julgadas necessárias

Nas escolas de samba, teve longa jornada como diretor de Harmonia, fazendo parte do corpo de diretores da Unidos do Viradouro, mas, sem sombra de dúvidas, sua carreira é marcada pelo trabalho desenvolvido no Acadêmicos do Grande Rio, onde, no ano de 2004, foi promovido a Diretor Geral do segmento. O bom trabalho desenvolvido na tricolor despertou a atenção do Acadêmicos do Salgueiro que formalizou o convite para que ele assumisse o cargo de Diretor de Carnaval.

Desde então, Dudu vem se destacando como uma liderança que preza pelo diálogo, o respeito aos profissionais e a integração da comunidade. Competitivo e dedicado, empenha-se em construir, no dia a dia, um ambiente de respeito e cooperação que propicie o fortalecimento coletivo das agremiações onde trabalha. A energia que emprega em seu trabalho serve de exemplo e combustível para sua equipe.

Na Beija-Flor desde 2020, seu trabalho é uma aposta na organização, planejamento, estratégia e ensaios frequentes na busca para que os movimentos sejam desenvolvidos cada vez mais de modo contínuo e regular, possibilitando um ciclo harmonioso em que os passos de dança dos integrantes, bem como a sua progressão na Avenida durante o desfile, estejam dentro do ritmo e sendo efetuados na mesma cadência da Bateria e da harmonia de cordas, mas sem perder a espontaneidade genuína do sambista, de modo que a Escola desfile evoluindo com tranquilidade, leveza, garra e alegria.

Para este carnaval, visando atingir esses objetivos e manter o padrão de excelência, foram realizadas reuniões e ensaios na quadra da Escola semanalmente, reforçando os aspectos positivos alcançados e lapidando aquilo que ainda poderia ser aprimorado para o desfile. Além disso, também foram realizados ensaios mensais nas ruas de Nilópolis, além de encontros com escolas coirmãs, como os ocorridos em dezembro e janeiro de 2022, intitulados “Encontro de Quilombos”, em conjunto com as agremiações coirmãs Paraíso do Tuiuti, Império Serrano e Portela.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Jorge Teixeira e Saulo Finelon		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Jorge Teixeira e Saulo Finelon		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 01 (um)	Componentes Masculinos 14 (quatorze)
Outras informações julgadas necessárias		
Onde o Povo Fez História e a Escola Não Contou		
<p>A Comissão de Frente da Beija Flor de Nilópolis, em 2023, encena a história dessa Brava Gente, o povo, que, ao cobrar igualdade, reclama seu protagonismo na história, haja vista ter sido esquecido e silenciado na versão oficial.</p> <p>O Beija Flor anuncia que o grande grito de independência se faz através do respeito à cultura popular, sendo o carnaval a maior festa democrática.</p> <p>Uma independência oficial repleta de pendências... “Demagogia, em setembro, a marchar”.</p> <p>Soldadinhos de chumbo, no preto e branco da história, desfilam “sem cor, sem perfume, sem nada”.</p> <p>Diferente do que contam na escola, à tarde, um rei, sem alarde, sem grito retumbante, faz uma parada no mínimo intrigante.</p> <p>Momentos, pensamentos, questionamentos, fragmentos.</p> <p>Era essencial fazer da antiga “parada” um novo “Desfile”.</p> <p>“A revolução começa agora onde o povo fez história”.</p> <p>Povo no poder... matando seus dragões.</p> <p>Abram alas: esse novo desfile subverte a antiga ordem; a verdadeira independência é o nosso grito de carnaval.</p> <p>Festa da democracia! Viva Joana, Viva Maria, Viva a Bossa, Viva o Samba! Viva o Rei Momo!</p> <p>Para além da comemoração, o carnaval é instrumento de transformação social, celebração da vitória do povo contra os papéis que lhes são negados durante o ano inteiro.</p> <p>“Além dos carnavais, o Samba é quem me faz Subversivo Beija-flor das multidões”.</p> <p>André Luis Junior</p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Sobre os Coreógrafos

Jorge Texeira

É formado em Educação Artística, pela Faculdade de Formação Profissional Integrada, e em Música, pela Escola de Música Villa-Lobos. Iniciou na dança, em 1987, na Escola de Dança Hortência Mollo. Diretor Artístico da Cia. Brasileira de Ballet e Fundador do Conservatório Brasileiro de Dança e da ONG Ciranda Carioca, Jorge Texeira se destaca ao utilizar metodologia própria de ensino, o que lhe rendeu prêmios, como: “Moção de Congratulações”, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; “Melhor Espetáculo” e “Menção Honrosa”, pela Prefeitura de Cabo Frio; “Moção Aplauso”, pela Prefeitura do Carmo; “Prêmio Cultura Nota 10”, pela Secretária de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro; “Prêmio Dedicación”, pelo XIII Certamen Internacional de Danzas, “Danzamérica 2007”, na Argentina; “Prêmio de Melhor Maitre”, pelo V Fest Dance 3; Prêmio “Especial de Melhor Grupo”, em 2008 e 2009, no Festival de Dança de Joinville. Atuou como professor convidado de companhias profissionais, como: Studio de Ballet Tatiana Leskova, Cia. de Ballet da Cidade de Niterói, Deborah Colker Cia. de Dança, Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Ballet Nacional Dell Sódre (Montevidéu); prestou consultoria e supervisão de cursos de ballet clássico nas escolas: Ballet da Ilha de Vila Velha, Espírito Santo; Escola de Dança da Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte, Minas Gerais; Escola Municipal de Bailados de Ourinhos, Ourinhos, São Paulo. Hoje atua como Diretor Artístico e Pedagógico da Escola Municipal de Bailados de Ourinhos e é professor/ensaiador convidado do Ballet Nacional de Sodré, em Montevidéu, Uruguai, sob a dire o de Julio Bocca. Tem sido premiado com seus alunos nos principais festivais de dança do mundo, tais como: Youth América Grand Prix, New York, EUA; Prix de Lausanne, Su a; International Ballet Competition, Beijing, China; New York Ballet Competition, EUA; M naco Danse Fórum, M naco; USA/IBC International Ballet Competition, Jackson. Orgulha-se de ter formado bailarinos que atuam em grandes companhias, pelas Américas e Europa. Desde 2007, assina como coreógrafo a Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Saulo Finelon

Iniciou seus estudos de ballet, em 1994, na Escola de Danças Maria Olenewa. Ingressou no Grupo Thalhe, em 1995, passando a ter aulas com o professor Jorge Texeira. Em 1996, foi aprovado para a Cia de Ballet da Cidade de Niterói, onde atuou como solista do ballet “Caminhada”, do coreógrafo Rodrigo Moreira. Em 1997, foi aprovado em audição pública para o Corpo de Baile do TMRJ, atuando como solista em vários espetáculos, tais como “Suíte em Blanc”, de Lifar; “Divertissements No 5”, de Ballanchine; “Les Pressages”, de Massine; “Daphinis e Cloé” de Fokine; “Amigos de Copélia”, de Henrique Martinez. Ensaiou sob a orientação de Jean Yves Lourmaux (etóile da Ópera de Paris), então diretor do TMRJ, o primeiro papel de Príncipe Desirée, do ballet “A Bela Adormecida”, de Marius Petipa. Em 2001, atuou como solista em: “As Quatro Estações”, com música de Verdi e coreografia de Gustavo Malojoli; “A Megera Domada”, de John Cankro, no papel de Inocência; “O Quebra-Nozes”, de Dallal Achcar. Integra o elenco da Cia Brasileira de Ballet como bailarino convidado, desde a sua reestrela, em 2001. Em 2002, foi aprovado como Bailarino Estatutário do TMRJ. A partir de 2003, passou a atuar como assistente/ensaiador do professor Jorge Texeira, nas companhias de Ballet da Escola Petite Danse e na Cia Brasileira de Ballet. Atuou como assessor artístico do Conservatório Brasileiro de Dança, desde a sua inauguração, em 2007, até 2011. Desde 2004, é modelo exclusivo das grifes internacionais de artigos de dança e fitness “Só Dança”, “Kerche&Kerche” e “Trinys”, atuando como bailarino/modelo em desfiles do evento “Fashion Rio”. No filme “A Dona da História”, de Daniel Filho, dançou com as atrizes Débora Falabella e Fernanda Lima. Nos anos de 2008, 2009 e 2010, participou, como bailarino convidado da Cia. Brasileira de Ballet, de diversas turnês internacionais, pelas seguintes cidades: Mônaco, Miami e Nova York (EUA), Beijing (China) e Córdoba (Argentina). Desde 2007, é assistente do coreógrafo Jorge Texeira, nas coreografias Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, como Portela, Grande Rio e, atualmente, para a Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

OBS: Jorge Teixeira e Saulo Finelon são os coreógrafos campeões do carnaval carioca de 2017 com a Mocidade Independente. Foram os criadores da coreografia que embalou o voo mágico do Aladdin pela Sapucaí!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Claudinho Souza	Idade 50 anos
1ª Porta-Bandeira Selminha Sorriso	Idade 52 anos
2º Mestre-Sala David Sabiá	Idade 36 anos
2ª Porta-Bandeira Fernanda Love	Idade 34 anos
3º Mestre-Sala Muskitto	Idade 41 anos
3ª Porta-Bandeira Emanuelle Martins	Idade 25 anos
4º Mestre-Sala Hugo Almeida	Idade 23 anos
4ª Porta-Bandeira Naninha Fidelis	Idade 42 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - ENCANTAMENTO CABOCLO



Ponto riscado no terreiro sagrado da Sapucaí. Okê, caboclo!

Cultuando a nossa ancestralidade como fundamento, princípio e tecnologia de afirmação da vivacidade frente a um projeto colonial de morte - física e simbólica, ouvimos os brados caboclos para guias e proteger nossa saga em defesa de uma história outra.

Se a escrita da história do Brasil é desencantada, abrimos a roda para alargar as formas de compreensão do mundo através da potência de saberes e práticas que manifestam formas plurais e diversas de vida.

As flechas invisíveis dos caboclos, ancestrais desta terra, nos guiam.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

O Caboclo, figura ícone da festa do Dois Julho, faz referência aos povos originários como escolha de simbolismo de natividade brasileira, mas, além de ser o símbolo dos heróis da Independência da Bahia, o caboclo evidencia outra face do Dois de Julho, a religiosa.

O fato de o caboclo da data ser indígena fortalece sua ligação com toda a nação brasileira. Ele é o filho da terra e do Brasil. Quando ele se manifesta, demarca que é brasileiro e renova este sentimento. Cultuá-lo é uma prática de vida porque as forças da natureza nos direcionam e renovam.

Após a Independência na Bahia, os terreiros de candomblé recriaram um indígena que a sociedade brasileira imagina conhecer. A figura deixou simplesmente de ser aquele que não se deixou dominar no processo de colonização para representar o “dono da terra”. E essa pluralidade de significados pode ser observada no dia da comemoração.

Muitos adeptos das religiões afro-brasileiras participam do desfile vestidos como índios para celebrar o caboclo, realizando rezas com palavras em português e tupi, dando gritos de guerra e sambando o “samba de caboclo”.

Como são essas figuras que guiam pelas ruas o ato cívico da Independência comemorada na Bahia, em nosso desfile, nos guiam não só pelos caminhos da rua, mas também pelos caminhos espirituais.

O casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira tem papel de destaque no cortejo ritualístico que é o desfile de escola de samba. Responsáveis por conduzir, proteger e apresentar o principal símbolo da agremiação, os consortes se apresentam com graça, leveza e majestade fazendo brilhar o pavilhão. Seu bailado se destaca na avenida pela elegância e é composto por meneios, medidas, giros, meias-voltas e torneados, em uma dança com passos e características próprias que encanta o público. O pavilhão desfraldado é objeto de devoção dos fiéis apaixonados pela agremiação, valorizado pela exuberância da arte de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

No carnaval de 2023, Selminha Sorriso e Claudinho Souza completam trinta e um anos de uma parceria vitoriosa e premiada. Como primeiro casal, colecionam dez títulos no carnaval carioca. O primeiro, em 1992, foi justamente na estreia como dupla, no Estácio de Sá. Na Beija-Flor de Nilópolis desde 1996, participaram ativamente do ciclo vitorioso que acumulou nove conquistas entre 1998 e 2018. Defendendo a arte de Mestre-Sala e Porta-Bandeira como uma dança popular, destacam-se pela garra, o vigor e a beleza de cada uma das suas apresentações. Formam um par respeitado, esperado e reconhecido pela excelência que gerou.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Claudinho iniciou sua trajetória carnavalesca na ala das crianças do Unidos de São Carlos, através dos pais que eram integrantes da escola. Aos dezesseis anos de idade, venceu um concurso para terceiro Mestre-Sala da escola que havia trocado de nome para Estácio de Sá. Teve sua primeira oportunidade como primeiro Mestre-Sala em 1990, dançando com Adriane. Mas seria justamente a partir do par com Selminha que se consolidaria como um dos maiores da história do ofício, vencedor por seis vezes do prêmio Estandarte de Ouro. Além da dança, Claudinho é músico, compositor e professor de Educação Física.

Selminha começou como passista no Império Serrano, fazendo sua estreia como Porta-Bandeira no ano de 1991. Pé quente, foi campeã do carnaval ao debutar no Estácio de Sá, no ato inaugural da parceria histórica com Claudinho. Além dos muitos predicados de sua dança, notabiliza-se pelo carisma que cativa o olhar de quem, admirado, observa sua exibição. Seis vezes premiada com o prêmio Estandarte de Ouro, é amplamente reconhecida como uma das maiores da história.

Formada em Direito, Selminha é militar do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Desde o fim de 2022, é apresentadora do programa “Samba Coração” na TV Bandeirantes, dedicado ao samba e ao carnaval carioca. Além disso, conduz o Departamento Cultural da escola e desenvolve um importante trabalho social, aos sábados, na quadra da agremiação, oportunizando jovens através da cultura do samba.

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - PESADELO VERMELHO



Representam a forma como os setores conservadores disseminaram, por décadas, o anticomunismo no país, com o intuito de gerar controle social através da propagação do medo sobre a ideologia comunista através da manipulação de seus símbolos.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - SAÚDE É DIREITO DE TODOS E DEVER DO ESTADO



O casal retrata a saúde como um direito fundamental e o papel do Estado em sua garantia tal qual preconizado em nossa Constituição Federal. A saúde é um direito universal e nós nos orgulhamos de ter um sistema amplo e complexo cujo objetivo é garantir a justiça social. Trata-se do maior sistema público de saúde do mundo e foi uma conquista da sociedade brasileira, mobilizada para efetivar a universalização da oferta de saúde. Viva o SUS!

4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA



A educação tem um papel transformador e emancipatório, indispensável na consolidação de uma sociedade democrática e republicana. A luta pela educação como um direito no Brasil é ampla e histórica, envolvendo diversos setores para conscientização da sua importância civilizatória. Foram muitas as vitórias mas ainda há muito a avançar para que sejamos, de fato, uma nação que proporcione, através da educação, um futuro melhor aos seus cidadãos.